

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
Departamento de Educação Física

**AS FESTAS NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA
RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LAURA FERRARI FERNANDES

BAURU

2011

AS FESTAS NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LAURA FERRARI FERNANDES

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista –“Júlio de Mesquita Filho”– UNESP, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Luciene Ferreira da Silva.

BAURU

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo, a Deus, por estar comigo nos momentos mais difíceis e me mostrar que sempre há outros caminhos quando se pensa que não é mais possível seguir em frente...

*Agradeço **imensamente** a meus pais, por confiarem em mim, e compreenderem minhas decisões confusas ou precipitadas em certos momentos. Agradeço todo o amor e carinho que sempre me dedicaram, e a paciência que souberam utilizar em tantos momentos. À minha mãe por me “empurrar” e me incentivar em vários momentos, e ao meu pai, por sempre tentar me fazer acreditar em Deus e no Espiritismo, como forças para continuar caminhando.*

Aos professores também muito pacientes (não todos, nem a toda hora, claro), que muitas vezes tiveram que “respirar fundo” nas aulas, nos projetos, para conseguirem superar e ir em frente com a missão de ensinar, formar e transformar tantas “pequenas pessoas”.

Não quero citar nomes, mas faria qualquer coisa para mostrar meu agradecimento a algumas pessoas que me acompanharam durante esses cinco maravilhosos anos de vida universitária. E põe maravilhosos nisso! A melhor fase da vida, com certeza! Muito companheirismo, compreensão, apoio, amizade, amor. Todos que passam em nossas vidas têm alguma coisa para nos ensinar, e espero ter apreendido o máximo possível de detalhes e conhecimentos que cada um ao meu redor poderia me passar.

*Por fim, sou grata a todos os diretores que passaram pela **Associação Atlética Acadêmica Unesp Bauru** nesses 15 anos de existência, que fundaram, ergueram e fortificaram nossa querida “Atlética”, hoje tão sólida e com tantos projetos, competições, treinos, campanhas solidárias, festas, que marcam qualquer unespiano de coração. Fui criticada em muitos momentos, mas posso afirmar com toda certeza que ter entrado para a Atlética foi a melhor coisa que me aconteceu durante a faculdade, pois as amizades conquistadas, o aprendizado e as experiências desses três anos de completa dedicação a essa entidade, e o amor à **Unesp Bauru** são incalculavelmente especiais.*

*“As coisas vão dar certo.
Vai ter amor, vai ter fé, vai ter paz – se não tiver, a gente inventa.”*

Caio Fernando Abreu

RESUMO

Um dos interesses do Lazer é o Social, e envolve a Festa. As festas podem ser de vários tipos e acontecer em lugares variados, e possuem uma infinidade de funções, como a união dos envolvidos, desenvolvimento da criatividade, diversão, identificação com a cultura. As festas fazem parte da cultura lúdica. A escola, por ser um ambiente que lida direta e indiretamente com a cultura do comportamento organizado e a valorização da disciplina, muitas vezes secundariza a formação da pessoa através das relações, da transmissão cultural e do acesso às tradições dos grupos ao seu redor. O componente lúdico da cultura na escola também se vê secundarizado, em uma sociedade do trabalho e uma escola que educa cada vez mais para o trabalho. As festas quase não ocorrem na escola e quando acontecem, se dão com o intuito de obter lucros e vender bens de consumo, deixando de lado valores que lhe são intrínsecos. Neste estudo o objetivo foi o de aprofundar estudos sobre festas, haja vista serem estas elementos proporcionadores da constituição da identidade de um grupo, de grupos e de cada indivíduo. Em se tratando de educação de pessoas, as festas contribuem para a emancipação do ser humano, que é cultural. Se foi a campo pesquisar o tema “festas”, entender se está e como está sendo abordado na Escola, e qual a sua real importância para os professores e alunos, visto que o consideramos fundamental para o desenvolvimento da cultura e cultura lúdica dos indivíduos. Para isso, foi realizada uma pesquisa do tipo qualitativa, através de pesquisa de campo utilizando como instrumento de coleta um roteiro semi-estruturado de entrevista, com 52 alunos da 6ª série (7º ano) de duas escolas de Ibitinga-SP, sendo uma da rede estadual e outra da rede privada. Com base nos dados coletados e análise das entrevistas, foi possível verificar que as festas não acontecem nas escolas, que os alunos não aprendem o que é lazer, e não estudam festas ou folclore nas aulas de Educação Física, em nenhuma das escolas pesquisadas. Entendemos ser de fundamental importância as festas para o desenvolvimento individual e o despertar do espírito de grupo, e para a construção do ser histórico e sociocultural, além da ampla contribuição para a formação das crianças, para o desenvolvimento do Lazer no indivíduo, para o aumento da diversidade da cultura e para a preservação e construção das identidades.

Palavras - chave: Festas, Lazer, Lazer Educação.

ABSTRACT

One of the interests of leisure is social and involves the festival. The holidays can be of different types and occur in different places, having lots of functions as the union of those involved, the development of creativity, fun and identification with the culture. The festivities are part of the play culture. The school, being an environment that deals directly and indirectly with the culture of organized behavior and appreciation of the discipline, often in second person through the formation of relationships, cultural transmission and access to the traditions of the groups around it. The entertainment component of culture in the school also finds himself sidelined in a society of work and a school that educates more to the labor market. The parties almost do not occur at school and when they happen, are given in order to make profits and sell consumer goods, apart from values that are intrinsic. In this study the objective was to deepen the study of parties, given that these are elements provides the establishment of the identity of a group of groups and of each individuals. When it comes to educating people, parties contributed to the emancipation of the human being which is cultural. Was developed a study inthe field about the theme “parties at the school”, to understand whether and how it is being taught in schools, and what is its real importance for teachers and students, since we consider it fundamental to the development of culture and leisure culture of individuals. For this, we conducted a qualitative study based on a field research, using as a tool for collecting a semi-structured interviews with 52 students from 6th grade (7 years) from two schools at Ibitinga-SP, since one of them was a public school and the other a private school. Based on data collected from interviews and analysis, we found that the parties do not happen in schools, students do not learn what is leisure, and do not study or folklore festivals in physical education classes in any of the schools surveyed. We believe that the festive celebrations are extremely important for the personal development, the awakening of the spirit of the group and for the construction of the historical and socio-cultural, as well as extensive contribution to the training of children, for the development of leisure in the individual, to increase the diversity of culture and the preservation and construction of identities.

Keywords: Holidays, Leisure, Leisure Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro elaborado para alunos do Ensino Fundamental Ciclo II.

Quadro 2 – Respostas dos alunos da escola A à questão 4.

Quadro 3 – Respostas dos alunos da escola B à questão 4.

Quadro 4 – Respostas de alunos da escola A à questão de número 5.

Quadro 5 – Respostas de alunos à questão de número 9.

Quadro 6 – Resposta de aluno à questão de número 10.

Quadro 7 – Roteiro elaborado para professores.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: 84% das crianças já ouviram falar a respeito de lazer; 14% nunca ouviram falar; 1% disse não se lembrar do assunto; 1% disse lembrar mais ou menos.

Gráfico 2: Ilustração da pergunta de número 4, „O que você entende por lazer?“

Gráfico 3: Ilustração da questão 5 – Você acha que no lazer se aprende „coisas boas?“

Gráfico 4: Questão para descobrir se os alunos gostavam de festas. 92% responderam que sim, e 8% responderam mais ou menos.

Gráfico 5: Quais as festas mais citadas pelos alunos (quantas vezes cada uma foi citada).

Gráfico 6: Quais festas acontecem na escola B – privada.

Gráfico 7: Quais festas acontecem na escola A – estadual.

Gráfico 8: Questão que buscava descobrir se os alunos gostariam de mais festas na Escola B (número de vezes que as festas foram citadas).

Gráfico 9: Questão que buscava descobrir se os alunos gostariam de mais festas na Escola A. (número de vezes que as festas foram citadas).

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. A Educação Física e o Lazer-Educação.....	11
1.1. Educação Física: breve histórico.....	11
1.2. Interesses Sociais e Artísticos do Lazer.....	25
1.3. O Folclore e a Festa.....	33
2. Necessidade de Educar para o Lazer e pelo Lazer em aulas de Educação Física.....	39
3. Um estudo sobre as Festas no Ambiente Escolar.....	44
3.1. Tipo de Pesquisa.....	45
3.2. Amostra.....	48
3.3. Sobre a realização das entrevistas e análise dos dados coletados.....	59
Conclusão.....	65
Referências.....	67
Apêndice A - Termo de consentimento para discentes.....	71
Apêndice B – Termo de consentimento para pais e responsáveis.....	72

INTRODUÇÃO

O lazer é um fenômeno social e vem sendo debatido academicamente, pois é de interesse de várias áreas do conhecimento. Há um aumento significativo no reconhecimento da importância do uso do lazer na ocupação do tempo livre, desde que se conseguiu uma menor jornada de trabalho após a Revolução Industrial e conseqüentemente o aumento do tempo disponível.

A Educação Física passou por uma série de mudanças desde seu surgimento e implantação na sociedade e nas escolas. Veio com uma visão biologizada dos indivíduos, quando incorporava ideias de disciplina, ordem, esforço individual, com grande influência militar e higienista. Após um tempo começou a ser visualizada como meio de Educação. Teve sua fase associada ao esporte, e depois de muitas mudanças, novas concepções e ideias, teve seu foco transformado da valorização do empenho para, por fim, se associar aos conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, com grande preocupação com o corpo e a cultura atrelada a ele.

O lazer é de grande importância para todos. Usufruir das possibilidades do lazer ajuda no desenvolvimento social, pessoal e pedagógico dos indivíduos. Toda atitude livre, desinteressada e que desperte prazer, pode ser considerada lazer.

Um dos interesses do lazer é o social e envolve a Festa. As festas podem ser de vários tipos e acontecer em lugares variados, visto que uma simples reunião de amigos já pode ser considerada festa. Importante na definição de festa é sua multifuncionalidade e seu poder de unir as pessoas para um objetivo comum, mobilizar a sociedade e entreter o público com características próprias e específicas de cada uma.

O presente trabalho teve como problemática central o estudo das festas, das mesmas dentro do ambiente escolar, e de sua relação com as aulas de Educação Física, considerando o lazer e o lazer-educação, e os benefícios advindos desse lazer para as aulas, a escola, os professores e alunos, cujo desenvolvimento esperado seria maior e melhor.

Inicialmente, se pesquisou qual o conhecimento de alunos e professores da 6ª série (7º ano) sobre lazer e sobre festas, qual sua real importância para o aprendizado e

desenvolvimento dos indivíduos, e como se deu a presença das festas durante a infância, em casa e na escola, para assim entender e verificar a colaboração das festas e do lazer na vida dessas pessoas.

Para isso, realizou-se pesquisa de campo, por meio de um roteiro de entrevistas semi-estruturado, a fim de conhecer mais a fundo e tomar por base de estudo fatos mais detalhados a respeito do assunto. Foram entrevistados 52 alunos de duas escolas da cidade de Ibitinga-SP, sendo uma da rede estadual e outra da rede privada, e os professores de Educação Física dessas crianças.

Após a realização das entrevistas e confronto dos dados com estudos bibliográficos, concluiu-se que as festas não acontecem no ambiente escolar, tampouco as tradicionais, regionais e brasileiras. Poucas são as festas vivenciadas pelos alunos dentro do ambiente escolar, onde são restritas à festas juninas, como constatado em pesquisa. Também foi percebido que os alunos não sabem o que significa lazer, nunca aprenderam na escola e o pouco que conhecem foi trazido de fora da escola, de casa ou da televisão. Os alunos também não ouviram falar em festas ou folclore durante as aulas de Educação Física, apenas em outras matérias como artes. Concluiu-se também que os professores não tiveram uma formação próxima a questões do lazer, e que nunca estudaram festas ou folclore na escola e durante o curso de graduação. Também foi constatado que os professores não conhecem o verdadeiro significado e a importância das festas para o aprendizado, para a união dos envolvidos, e para o desenvolvimento de capacidade criadora e criativa.

PARTE 1. A Educação Física e o Lazer-Educação

1.1 Educação Física: breve histórico.

A Educação Física, assim como a prática de atividades físicas, não surgiu de uma hora para outra. Tem toda uma história de dificuldades e superações, erros e acertos, além de uma série de conceitos e concepções, que nos impedem de entendê-la como sendo simples e fechada, ao contrário, é um campo muito amplo que nos sugere diversos tipos de interpretações.

No Brasil, a introdução oficial da Educação Física na escola ocorreu em 1851, com a reforma Couto Ferraz. Em 1882, Rui Barbosa tornou a ginástica obrigatória para ambos os sexos, devendo ser oferecida para todas as Escolas Normais, fato que não se concretizou em todo país, atingindo apenas parte do Rio de Janeiro, e das escolas militares. (DARIDO E NETO, 2008)

A Educação Física será, dentro ou fora da escola, de acordo com Soares (1994), a expressão de uma visão biologizada e naturalizada da sociedade e dos indivíduos. Ela incorporará e veiculará a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina, da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual.

“A fragilidade de recursos biológicos fez com que os seres humanos buscassem suprir as insuficiências com criações que tornassem os movimentos mais eficientes e satisfatórios, procurando desenvolver diversas possibilidades de uso do corpo com o intuito de solucionar as mais variadas necessidades” (BRASIL, 1998, p. 27)

É apenas a partir da década de 1920 que vários estados da federação começam a realizar suas reformas educacionais e incluem a Educação Física, com o nome mais frequente de ginástica (BETTI, 1991 apud DARIDO E NETO, 2008).

Desde então a Educação Física na escola já sofria preconceitos e possuía baixo status, mesmo estando presente na Lei, que demorou a ser cumprida.

A Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à

implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. (CASTELLANI, 2000)

Mas além da influência militar, que ligava a prática de atividades físicas e uso do corpo para domínio e uso do espaço (BRASIL, 1998), houve a dos médicos, que se apropriaram da situação de necessidade de mudança dos hábitos da família brasileira, que deveria redefinir os padrões de conduta, tanto física, quando moral e intelectual, e se fazer capaz de proteger a vida, das crianças e dos adultos. É nesse contexto que os médicos higienistas influenciam a Educação Física, definindo-lhe um papel de substancial importância, qual seja, o de criar o corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente (CASTELLANI, 2000).

Esse papel inicial da Educação Física trouxe conflitos, ao gerar certo preconceito de raça e classe, por idealizar um modelo de corpo no qual a população de classe média teria mais acesso. Mas com os valores da época, a classe dominante e a escravocrata, a Educação Física foi estigmatizada, vinculada ao trabalho manual, físico, desprestigiado em relação ao trabalho intelectual, este sim, afeto à classe dominante. (CASTELLANI, 2000). Segundo o autor, em sua compreensão de atividade de não-trabalho, em seu sentido lúdico, de preenchimento do ócio e do tempo livre, a Educação Física sempre foi valorizada pela classe dominante.

As primeiras concepções a permearem a Educação Física foram o Higienismo e Militarismo. Na concepção Higienista, como já dito, a preocupação central é com os hábitos de higiene e saúde, valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício (DARIDO E NETO, 2008). Aqui surgem os métodos ginásticos para sistematização da própria ginástica na escola. Já no modelo Militarista, os objetivos da Educação Física na escola eram vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra, para isso, era importante selecionar os indivíduos “perfeitos” fisicamente e excluir os incapacitados (DARIDO E NETO, 2008).

No período em que as concepções acima se destacaram, a Educação Física era apenas considerada como prática, não sendo necessária fundamentação teórica para suporte, o que fazia com que a Educação Física se misturasse à instrução física militar, uma vez que para ensinar a Educação Física não era necessário ter conhecimentos aprofundados, apenas ser um ex-praticante das atividades físicas militares.

A mencionada resistência da elite colonial imperial foi decisiva no atraso da implementação da Educação Física como parte do currículo escolar obrigatório, por considerar as atividades físicas ligadas ao trabalho manual, que só deveria ser executado pelos segmentos escravos.

A burguesia precisava de um corpo dócil, manipulável, e este vai exercer-se por meio da disciplinarização, sendo ela através da escola, o hospital e o exército. (FREITAS, 1999)

“O modelo histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais é útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma „anatomia política“, que é também igualmente uma „mecânica do poder“, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficiência que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência.” (FOUCALT, 1979, apud FREITAS, 1999, p.127)

A História da Educação Física é marcada por diversas mudanças, entre elas nas concepções e idéias dominantes em cada época. Aparece então, após as Grandes Guerras, um novo modelo de escola, a Escola Nova. Segundo Darido e Neto (2008), o discurso predominante da Educação física passa a ser: “A Educação Física é um meio da Educação”. O discurso dessa fase vai advogar em prol da educação do movimento como única forma capaz de promover a chamada educação íntegra. Essas mudanças ocorrem principalmente no discurso, porque a prática higienista e militarista permanece essencialmente inalterada.

Porém, o modelo escolanovista propõe reflexões e traz à tona novos pensamentos, que atingem o auge na década de 60, alterando aos poucos a postura do professor e a prática da Educação Física. As mudanças duraram pouco, pois foram reprimidas com a instalação da ditadura militar no país, que iniciou uma nova concepção de Educação Física, a Esportivista, também chamada de mecanicista, tradicional ou tecnicista, a qual valorizava métodos mecânicos de repetição dos movimentos esportivos, para o alto rendimento. (DARIDO e NETO, 2008)

A Educação Física até então esteve associada à ginástica e exercícios calistênicos devido à Primeira Guerra Mundial, mantida assim por interesses militares em formar indivíduos para a guerra, o que foi ainda reforçado com a divulgação da Segunda Guerra Mundial, no início da década de 60. A partir de 1964, quando o Poder Executivo do País é assumido por generais, o sistema educacional se expande rapidamente, com o plano do uso de escolas como fonte de propaganda do regime militar. (DARIDO e NETO, 2008)

Nessa época, a Educação Física começa a ser fortemente associada e influenciada pelo Esporte, devido a títulos conquistados pelo Brasil em Copas do Mundo. Em 1970, quando do terceiro título na Copa, o país estava no auge da política do “pão e circo”, o que colaborou para que os conteúdos esportivos continuassem fortes nas aulas. (DARIDO e NETO, 2008)

Apesar de criticado, o modelo continua bastante presente na sociedade e na escola até hoje. Junto com ele, observa-se hoje a presença de outro modelo,

“[...] no qual os alunos é que decidem o que vão fazer na aula, escolhendo o jogo e a forma como querem praticá-lo, e o papel do professor se restringe a oferecer uma bola e marcar o tempo. Praticamente, o professor não intervém. [...] A prática de „dar a bola” é bastante condenável, pois se desconsidera a importância dos procedimentos pedagógicos dos professores. Num paralelo, poderíamos questionar se os alunos são capazes de aprender o conhecimento histórico, geográfico ou matemático sem a intervenção ativa dos professores”. (DARIDO E NETO, 2008, p.4)

Ainda segundo Darido e Neto (2008), o modelo chamado algumas vezes de recreacionista, aconteceu por duas razões principais: a eterna discussão do discurso acadêmico sobre o que não fazer nas aulas de Educação Física, que nunca chegou a nada, e devido à falta de políticas públicas que facilitem de fato o trabalho do professor, como condições de trabalho, espaço, material adequado, políticas salariais e, principalmente, apoio às ações de formação continuada.

A partir de meados da década de 80, aparecem as mudanças nas concepções da Educação Física, motivadas por alguns aspectos, como:

“- movimentos instituídos de organização civil, que solicitavam a participação direta da população nas eleições do Poder Executivo, principalmente para a Presidência da República. Esses movimentos contavam com um contingente de professores e acadêmicos da área de Educação Física;
- liberdade efetiva na comunidade acadêmica para pesquisar todas as áreas de conhecimento científico e filosófico, mesmo aquelas relacionadas às tendências que eram opostas ao regime de governo;

- encontros e debates entre profissionais e acadêmicos. Esses eventos eram promovidos pelas instituições criadas para representar os interesses da Educação Física, baseadas, cada uma, em concepções diferentes da área.” (DARIDO e NETO, 2008, p.5)

Essas mudanças ajudaram a minimizar a valorização excessiva do desempenho, e a mudar a visão que a sociedade tinha da Educação Física, muito embora as concepções biologicistas se façam presentes até hoje, e também a motivar estudiosos a entenderem a Educação Física por outro lado, e adicionar a ela novos valores.

“A dimensão corporal da educação deveria ser adjetivada como educação física, diferente das práticas corporais arraigadas que, afeitas ao individualismo e ao sensualismo, eram concebidas como instrução física.” (HEROLD, 2008, p.99)

As práticas relacionadas ao uso do corpo aconteceram a partir de possibilidades e necessidades, dentre as quais pode-se incluir: motivos militares relativos ao domínio e ao uso de espaço, motivos econômicos que dizem respeito às tecnologias de caça, pesca e agricultura, motivos de saúde pelas práticas compensatórias e profiláticas, motivos religiosos no que se referem aos rituais e festas, motivos artísticos ligados à construção e à expressão de idéias, e motivações lúdicas, relacionadas ao lazer e ao divertimento (BRASIL, 1998). Também existem motivos de caráter utilitário, relacionados mais diretamente à realidade objetiva com suas exigências de sobrevivência, adaptação ao meio, produção de bens, resolução de problemas, o que remete à Educação Física defendida pela classe no poder da época.

Humanista, Fenomenológica, Psicomotricidade, Cultural, Desenvolvimentista, baseada nos Jogos Cooperativos, Sistêmica, Crítico-Superadora, Interacionista-Constructivista, Saúde Renovada, Crítico-Emancipatória, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, são algumas das concepções que atualmente existem na área da Educação Física. Seguindo o estudo de Darido e Neto (2008), algumas delas são analisadas com mais detalhes neste trabalho.

A Psicomotricidade é a primeira concepção que surge depois dos modelos biológicos existentes até então. Ela sugere o professor de Educação Física ir além da valorização do rendimento e do corpo, incluindo o envolvimento da Educação Física com o desenvolvimento

da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, buscando garantir a formação integral do aluno. (DARIDO e NETO, 2008).

A próxima abordagem é a Desenvolvimentista, na qual se defende que:

“uma aula de Educação Física deve privilegiar a aprendizagem do movimento, embora possam estar ocorrendo outras aprendizagens em decorrência da prática das habilidades motoras – um dos conceitos mais importantes dentro dessa abordagem, pois é através delas que os seres humanos se adaptam aos problemas do cotidiano, resolvendo problemas motores.” (DARIDO e NETO, 2008, p.9)

Ao utilizar essa abordagem, a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido, oferecendo experiências de movimento adequadas às faixas etárias (DARIDO e NETO, 2008). Os conteúdos devem ser desenvolvidos de acordo com uma ordem de habilidades básicas e específicas, que são as habilidades locomotoras, manipulativas e de estabilização, e as outras mais influenciadas pela cultura, relacionadas a esportes, jogos e dança.

Com a proposta Construtivista-Interacionista, o discurso se altera um pouco. Essa abordagem não tem objetivo centrado no corpo e movimento. Na área da Educação Física, o construtivismo considera o conhecimento que o aluno previamente já possui, resgatando sua cultura de jogos e brincadeiras (DARIDO e NETO, 2008). Cultura essa que é envolvida no processo de ensino e aprendizagem, onde se aproveita o conhecimento do aluno e sua bagagem cultural de brincadeiras, jogos, rodas cantadas e demais atividades, em uma interação com o meio.

Outra abordagem, a Crítico-Superadora, segundo os mesmos autores, levanta questões de poder, interesse, esforço e contestação. Acredita que qualquer consideração sobre a pedagogia mais apropriada deve versar não somente sobre questões de como ensinar, mas também sobre como elaboramos conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico. Além disso, essa proposta pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. As aulas de Educação Física, segundo essa perspectiva, devem considerar a relevância social dos conteúdos, sua contemporaneidade e sua adequação às características sociais e cognitivas dos alunos (DARIDO e NETO, 2008). A Educação Física é entendida, segundo os autores, como uma disciplina que trata de um tipo de conhecimento denominado Cultura Corporal, que engloba jogo, ginástica, dança, esporte e capoeira.

A abordagem Crítico-Emancipatória valoriza a compreensão crítica do mundo, da sociedade e de suas relações, sem a pretensão de transformar esses elementos por meio escolar (DARIDO e NETO, 2008). Propõe-se a aumentar os graus de liberdade do raciocínio crítico e autônomo dos alunos. O professor de Educação Física deve confrontar o aluno com a realidade do ensino. Isso expressa um processo de questionamento e libertação de condições limitantes e coercitivas impostas pelo sistema social. Esse mesmo sentido expressa-se na contextualização dos temas compreendidos pela Cultura Corporal (DARIDO e NETO, 2008).

Para Darido e Neto (2008), a abordagem da saúde renovada

“tem por paradigma a Aptidão Física relacionada à Saúde e por objetivos: informar, mudar atitudes e promover a prática sistemática de exercícios. Embora seus pressupostos e finalidades sejam semelhantes ao modelo biológico higienista, que promovia a saúde por meio de atividades nas aulas de Educação Física, alguns aspectos distinguem esta proposição mais recente, conferindo-lhe um caráter renovado. Isto se deve principalmente à incorporação de certos princípios à proposta, como o da não-exclusão.” (apud BRASIL, 1999)

O princípio defende que deve haver a abrangência de todos os alunos, e não somente dos mais aptos, o que leva a que os conteúdos sejam variados, não apenas centrados em modalidades esportivas e jogos. E mais uma vez nessa concepção aparece a Cultura Corporal, como temática que necessita de compreensão em todas suas áreas, e de aprofundamento dos conhecimentos que abrange.

Por fim, a abordagem baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a qual se propõe à construção crítica da cidadania, elaborando questões sociais urgentes nos temas transversais: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo. Assim, a Educação Física na escola deve promover o princípio da inclusão, com a inserção e integração dos alunos à Cultura Corporal de Movimento, por meio de vivências que problematizem criticamente os conteúdos: jogos, esportes, danças, ginásticas, lutas e conhecimento sobre o corpo (DARIDO e NETO, 2008).

Paralelamente e em conjunto ao surgimento, implantação e expansão da Educação Física na escola e na sociedade, há o entendimento e a compreensão do que seria o corpo, também nesses dois segmentos. Na Europa, as políticas de saúde vigentes e a eugenia que tentava classificar e separar os cidadãos vai desenvolver formas explícitas de controle das populações urbanas, onde o corpo dos indivíduos e o “corpo social” são tomados como objetos mensuráveis. (SOARES, 1994).

“O corpo individual enquanto unidade produtiva, máquina menor da engrenagem da indústria capitalista, passa a ser então uma mercadoria... será um objeto socializado pelas novas relações de produção, um instrumento a mais que deverá ser meticulosamente controlado para ser útil ao capital” (SOARES, 1994, p. 27)

Mas, se por um lado o capital exigia “corpos saudáveis”, por outro, os “corpos doentes” não poderiam ser considerados como produto das condições de vida de miséria e esforço excessivo no trabalho. A classe que estava no poder precisava, então, encontrar outras causas para explicar a debilidade dos corpos dos operários, que não fossem as causas sociais. Então assim foram concentradas em três motivos principais: problemas de ordem biológica, física (do meio) e moral.

Então, segundo Soares (1994),

“O discurso e a prática médica oriundos da medicina social em suas concepções predominantes, ou seja, naquelas higienistas de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo, irão constituir-se em instrumentos de intervenção na sociedade. Nela irão impor-se no sentido de alterar hábitos, costumes, crenças e valores. Tem a pretensão de realizar uma assepsia neste meio físico – fonte de todas as misérias – na mesma medida que pretendem impor-se à família, ditando-lhe uma educação física, moral, intelectual e sexual” (p. 34)

O Estado possuía grande interesse na manipulação dos corpos e das famílias intencionada pela medicina social, e Soares (1994) fala sobre uma domesticação da classe operária, que devem seguir normas da medicina para educar seus filhos, cuidar da casa, do marido. Para cumprir todas essas normas, as idéias médicas centram na mulher, mãe, como protetora e cuidadora do lar, devendo ser sustentada pelo homem a fim de cumprir seu destino social, o que justificava para os capitalistas, por exemplo, o baixo salário destinado às mulheres trabalhadoras. Tudo passa a ser de responsabilidade da mulher. Os hábitos dos homens, a vida imoral que levavam, a mortalidade infantil, tudo encontra motivo nas mulheres: se a mulher cumpre seu papel social, a sociedade progride, se falha, a sociedade se degrada.

O sistema capitalista do século XIX apropriou-se desse corpo dócil, disciplinado e controlado.

O discurso então dita regras de bem viver (SOARES, 1994), que levaria a todos os seguidores a ter uma boa saúde, mas omite que apenas o conhecimento dessas regras não é suficiente, é necessário que se tenha acesso a elas, o que não é possível dentro da classe operária.

“Dentro desse quadro político, social e econômico é elaborado mais uma forma de intervenção na realidade social, a qual operará tanto ao nível corporal dos indivíduos isoladamente, quanto ao nível do „corpo social“, quando tornada hábito. Estamos nos referindo à Educação Física, que já no século XIX chega aos foros científicos com seu conteúdo médico-higiênico e com sua forma disciplinar voltada ao „corpo biológico“ (individual) para, a partir dele, moralizar a sociedade além de „melhorar e regenerar a raça“ (SOARES, 1994, p.42)

É nesse momento que a Educação Física se insere na sociedade, já com a idéia de “educação do físico”, frisada nas concepções já mencionadas e descritas acima.

O espaço dado à Educação Física (obrigatória) na Educação foi um avanço, mas por outro lado mostrou “atraso”, por significar disciplinarização de movimentos, domesticação, guiada pela burguesia que desejava veicular ao seu modelo de corpo e de saúde, a visão de mundo da classe. Sempre vincula da à saúde biológica a Educação Física será protagonista de um projeto maior de higienização da sociedade. O corpo, do qual se ocupa, é o corpo anátomo-fisiológico. É ele que será a referência fundamental de seu desenvolvimento enquanto prática social. Assim ela começa a ser veiculada como uma necessidade, passando a integrar o conjunto de normas que tratam dos “cuidados do corpo”. (SOARES, 1994)

No Brasil, a medicina social também influencia e condiciona a Educação Física. Soares (1994) cita autores como Rui Barbosa e Fernando Azevedo, que mostram em seus discursos pedagógicos uma ligação com as práticas médico-higienistas. As propostas consideram a Educação Física como um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária.

A Educação Física passa então a aparecer em publicações de médicos reforçando o lado higienista, e a ser valorizada pela elite, quando o discurso defende a procriação, e a continuação da pureza da “raça”, e a Educação Física é vista relacionada também a educação sexual, que transformaria homens e mulheres em reprodutores potenciais (SOARES, 1994).

Interessante comentar sobre o lazer na escola, perante a esse turbilhão de idéias, de regras, de fórmulas prontas. O lazer nos colégios da época só existiu como recompensa do trabalho, e a higiene procurou dar-lhe outro conceito (SOARES, 1994):

“Exigiu que a recreação fosse também formativa; que fosse estímulo ao corpo e ao espírito; que influísse na escolha adequada e „correta” das brincadeiras, dos exercícios e do entretenimento. Vinculou o tempo de recreação ao tempo de trabalho, fazendo deste seu oponente necessário, ao mesmo tempo em que disseminou a idéia da recreação como aquela capaz de recuperar as forças que o trabalho exigiu.” (p.95)

A industrialização que surge no Brasil e no mundo impõe uma cultura interna própria, ditada pelos grandes capitalistas. Economizar tempo, produzir em grande escala, acumular bens, consumir excessivamente. Em meio a esse cenário, existe o trabalhador que migra do meio rural para a cidade, em busca de novos empregos. Esse trabalhador já está habituado a uma jornada diária longa e cansativa, porém que respeita o ritmo da natureza e possui o elemento lúdico envolvido no cotidiano. Começava a jornada logo ao amanhecer do dia, parando apenas quando a luz se findava. O descanso se dava aos domingos e feriados religiosos e se fazia forçado em dias de chuva forte. Não havia separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer, que era oferecido pela própria natureza. Esses ritmos foram violados com o surgimento da indústria. A jornada não dava espaço nenhum para repouso, os horários sempre muito puxados, sem tempo suficiente sequer para as refeições. Era um trabalho que passava longe do lúdico do campo, que não permitia mínima distração. O tempo do homem passa a ser adequado ao tempo das máquinas, torna-se uma mercadoria. (CAMARGO, 1986)

Além da migração do campo para a cidade, grande contingente de imigrantes europeus chegava ao Brasil. A imigração foi interessante para a classe no poder, pois os europeus davam conta da força de trabalho, e contribuíam para aumentar no Brasil a população branca e alfabetizada (SOARES, 1994). Porém, décadas mais tarde, se percebeu que essa nova população trouxe muitas idéias revolucionárias, de liberdade e luta, e passou-as para o operariado brasileiro. Aliado a esse aumento de pessoas, há uma modernização do país, com a construção de estradas de ferro, rede telegráfica, crescimento industrial e aumento da mão de obra barata nos grandes centros. E nesse momento crescia a modernização e a situação

degradante de um povo, pois a parcela livre da população, porém pobre, ainda não tinha um lugar no sistema de trabalho, tornando-se uma população marginalizada.

O que se vê necessário então é o cuidar da saúde do povo, com foco na Educação Física. A escassez de educação para o povo refletia no impedimento da instalação da modernidade no país, que continuava “ignorante”. A educação se mostra enquanto instrumento capaz de transformar o país (SOARES, 1994). Juntamente com essa idéia, vem a idéia da saúde para ser saudável, mostrada mais uma vez na Higiene. Juntas, essas idéias mudariam o contexto do país.

Soares (1994) fala muitas vezes de Rui Barbosa, como um dos primeiros defensores da Educação Física na escola, também de acordo com a visão higienista, onde ela seria promotora da saúde física, da higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição das raças. É com o advento da República que essas idéias são realmente colocadas na prática, devido à grande quantidade de pragas e doenças, e da miséria do povo, com a ajuda do Estado.

A Educação Física passa a ser vista com sinônimo de saúde física e moral, forçando uma relação entre exercício físico e saúde e acentuando a idéia de que a “aplicação correta” do exercício físico gera, em si, de imediato, a tão almejada saúde. (SOARES, 1994). Ela começa a aparecer em discursos e periódicos de médico, que aparecem então como „guias“ dos educadores físicos, prescrevendo a partir de exames, a quantidade e o tipo de exercício que cada um deveria realizar.

“A Educação Física, quer seja aquela desenvolvida no âmbito escolar, quer seja fora dele, acentua as representações que a sociedade tem dos indivíduos, seja do seu corpo – entendido como corpo biológico, a-histórico; seja de sua moral – entendida como amor ao trabalho, à ordem, à disciplina; seja do seu espaço na sociedade – entendido como resultado do esforço individual, da tenacidade, da vontade. [...] Fruto da biologização e medicalização das práticas sociais, a Educação Física foi estruturada a partir do ideário burguês de civilidade, significando, de um lado a conquista individual e mágica de saúde física, e de outro disciplinarização da vontade e, desse modo, constituindo-se em importante instrumento de construção da ordem, uma vez que, como afirma F. Azevedo, „um organismo sadio e de músculos adestrados é de certo mais fácil a moralizar do que uma máquina humana enfraquecida e emperrada”. (SOARES, 1994, p. 158)

Com o tempo, a Educação Física foi tomando seu espaço e sendo ressignificada a partir de novos conceitos, mais pedagogizados, e ligados não só à saúde e ao ideal de corpo que até então eram vistos como os principais motivos da existência e importância da Educação Física.

A Educação Física trabalha com diversas áreas, e dentre elas está a proposta da Cultura Corporal de Movimento, representando uma perspectiva que fundamentaria a intervenção pedagógica do professor. (GALVÃO et al, 2008). A área estuda os conteúdos dos jogos, dos esportes, das ginásticas, danças e lutas. O foco é centrado também no contexto da prática dessas diversas atividades, não apenas na técnica e tática de desenvolvimento. Quanto à prática pedagógica da Cultura Corporal de Movimento:

“Várias de suas pesquisas são pertinentes à escola, desde a escolha dos conteúdos que caracterizam a própria área até a preocupação com a contextualização das manifestações expressivas corporais nas aulas. É nesse sentido que pensamos que a Cultura Corporal de Movimento pode caracterizar mais adequadamente a Educação Física como uma área de intervenção pedagógica.” (GALVÃO et al, 2008, p. 30)

Desde o início da existência, o ser humano produz cultura. Tudo o que faz é parte de um contexto em que se produzem e reproduzem conhecimentos (BRASIL, 1998). A diversidade de experiências e conhecimentos foi então constituindo uma Cultura Corporal do Movimento. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), os alunos devem participar de atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da Cultura Corporal de Movimento; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis e relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer.

A Educação Física tem seus fundamentos nas concepções socioculturais de corpo e movimento, e a natureza do trabalho desenvolvido nessa área se relaciona intimamente com a compreensão que se tem desses dois conceitos (BRASIL, 1998). Todo o histórico apontado

até agora restringiu a Educação física a conceitos de corpo e movimento, aos aspectos fisiológicos e técnicos.

Mas é preciso superar a ênfase no rendimento e no saber-fazer esportivo, e reorganizar a Educação Física, de forma que aborde todas as áreas da prática corporal humana. De acordo com os PCN's (BRASIL, 1998), entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

“A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. Cabe assinalar que os alunos portadores de necessidades especiais não podem ser privados das aulas de Educação Física” (BRASIL, 1998, p.29)

“(…) É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de praticá-las, e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente”. (id, p.30)

O corpo sempre foi marcado por ideologias que determinavam grande parte do seu comportamento social. É visto como um objeto que pode ser „utilizado“ da maneira que bem entender. Mas o homem é o seu corpo, tudo que faz no mundo está relacionado com seu corpo.

“O corpo humano, como *corporeidade* – como permanência que se constrói no emaranhado das relações sócio-históricas e que traz em si a marca da individualidade – não termina nos limites que a anatomia e a fisiologia lhe impõem. Ao contrário, estende-se por meio da cultura, das roupas e dos instrumentos criados pelo homem. O corpo confere-lhes um significado e sua utilização passa por um processo de aprendizagem construtor de hábitos.” (FREITAS, 1999)

Segundo a autora, pensava-se que o movimento era resultado da vontade do espírito imortal que agia sobre o corpo, porém, quando nos movemos, é nosso corpo que se move, nossa corporeidade que se manifesta. E ela conclui que a corporeidade implica, portanto, a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo.

A Educação Física, que durante tanto tempo funcionou para o modelo capitalista (de ter um corpo manipulável, consumível e consumista), começa a ter outras preocupações. O corpo agora é entendido como mediador da aprendizagem. O corpo deixa de ser análise para se tornar síntese: o conceito de corporeidade situa o homem como corpo no mundo, como uma totalidade que age movida por intenções. É só por meio do corpo que a manifestação se dá, e esse corpo, aliado a essa manifestação no mundo, é o significado da corporeidade (FREITAS, 1999).

Juntamente com a importância da Educação Física e do corpo no contexto dos cidadãos, levando em consideração todas as áreas da Cultura Corporal de Movimento, está a importância do lazer e do lúdico nesse meio. Práticas com caráter subjetivo e simbólico são realizadas com fim em si mesmas, por prazer e divertimento. Estão mais próximas do lazer e da fantasia. Práticas, por exemplo, utilitárias, como pesca e caça, podem ser vistas como lazer, e não como necessárias à sobrevivência, o que liga essas atividades então ao conceito de atividade lúdica. Porém, nos PCN's (BRASIL, 1998), o que define o caráter lúdico ou utilitário não é a atividade em si, mas a intenção do praticante.

Neste estudo que teve como objetivo pesquisar as festas dentro do ambiente escolar e sua relação com as aulas de Educação Física, se existem e como são abordadas, qual sua real importância para os indivíduos, e também qual a sua relação com a cultura e o lazer. Entender a história da Educação Física e sua relação com o lazer, a Educação e o folclore é fundamental, pois, na escola, a sua abordagem poderá influenciar no entendimento da problemática.

1.2 Interesses Sociais e Artísticos do Lazer

Grande parte da sociedade associa lazer com atividades recreativas e eventos de massa, pela influência da mídia e dos meios de comunicação. Mas o conceito de lazer abrange muito mais que práticas consumistas.

O termo lazer (do latim *licere*, “ser permitido”) não é recente. Surgiu na civilização greco-romana, onde já significava „oposto de trabalho“. Durante esse tempo, com sociedades escravagistas, se desenvolveu a cultura do lazer, porém a mesma não foi democratizada. O ideal de cidadão daquela época era o homem livre, ocioso, em plena expressão de si mesmo. (CAMARGO, 1998)

As pessoas ainda vivem em uma “sociedade do trabalho”, em que trabalhar é a essência da vida e o lazer é considerado significativo, porém secundário na vida do homem na atualidade.

O lazer é uma necessidade humana, assim como o trabalho. Na verdade, as pessoas entendem o lazer como parte de sua cultura; no entanto, nem sempre percebem que o aproveitamento do tempo para o lazer é fundamental para o seu desenvolvimento e o seu bem estar.

No senso comum, considera-se lazer o uso que se faz do tempo liberado, do trabalho e de obrigações. Tem como função o encontro consigo e com o próximo. “Descansar, „recuperar as energias“, distrair-se, entreter-se, recrear-se, enfim, o descanso e o divertimento são os valores mais comumente associados ao lazer” (MARCELLINO, 1996).

Mas, os estudiosos do lazer avançam em sua compreensão, relacionando o lazer também ao desenvolvimento pessoal e social, o desenvolvimento educativo e conseqüentemente o pedagógico.

É importante relacionar e entender o lazer junto a dois aspectos fundamentais: tempo e atitude (MARCELLINO, 2010). É necessário que haja uma atitude, e o fator tempo é fundamental para a concretização do lazer. É no tempo de lazer que surgem novos estilos de vida, como maior gosto pela natureza, esportes, atividades ao ar livre, organizações coletivas,

políticas, educativas e culturais. Esse novo estilo de vida influencia diretamente a relação com o trabalho, a família, a vida em sociedade e a escola.

Ainda para Marcellino (2010), o lazer é considerado como

“uma atividade de escolha individual, praticada no tempo disponível e que proporcione determinados efeitos, como o descanso físico ou mental, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade e da sociabilidade.” (p. 28 e 29)

De acordo com a definição de Dumazedier (2000),

“Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (p.34)

O lazer fornece ao indivíduo condições para que se desenvolva à medida que engloba elementos desinteressados, que formam um bem-estar social e uma participação mais ativa nas questões de ordem pessoal, e é um dos indicadores de qualidade de vida de um grupo social. (MARCELLINO, 2000)

Hoje se percebe que a sociedade está dando uma nova atenção ao lúdico e que o lazer passou a ser um item imprescindível nas necessidades das civilizações e no usufruto dos direitos dos indivíduos. O interesse pelo lazer pode trazer muitos benefícios para vida do cidadão. Ao desenvolver o seu bem estar, por meio de atividades prazerosas, o homem tende a melhorar a qualidade de sua vida.

De acordo com a Constituição Brasileira, o lazer é um direito de todo o indivíduo, independentemente da classe social, a idade, o sexo. (BRASIL, 1988) A criança precisa do lazer, da atividade lúdica, do direito de brincar e festejar. Essas atividades são as maiores responsáveis pelo aumento da participação ativa, crítica e criativa da criança na medida em que se desenvolve. A ludicidade desperta interesse e afetividade, muito importantes para o seu desenvolvimento.

Ao chegar à adolescência os indivíduos precisam superar situações decorrentes do modo de viver da sociedade. Nesse caso, o lazer é importante para promover a formação

desses jovens e situá-los como pessoas ativas na sociedade. Em situações desfavoráveis podem se isolar ou se marginalizar deixando de usufruir de um direito que possuem e que a sociedade brasileira ainda está longe de usufruir plenamente, já que os adolescentes pobres precisam trabalhar para ajudar a família, ou cuidar dos irmãos menores e realizar afazeres domésticos.

A sociedade brasileira mostra, segundo Uvinha (2001), uma realidade na qual já há uma inserção dos adolescentes no campo de trabalho muito cedo, alguns mesmo até quando criança, principalmente os de classe economicamente baixa. Uvinha (2001) também cita em seu trabalho, uma pesquisa de Daolio (1986, p.136), que concluiu que o adolescente brasileiro vai buscar trabalho em qualquer lugar onde consiga algum dinheiro para contribuir com o já reduzido orçamento familiar.

Stoppa (2005) diz que existem diferentes situações de exclusão social, com a falta de opções que se verifica para essa parcela da população no cotidiano. O autor ainda afirma que essa situação é ocasionada, entre outras situações, pela precariedade das políticas sociais, colaborando com a limitação dos espaços e oportunidades de vivências de lazer.

“A juventude, especialmente a relacionada às camadas populares da população, coloca-se em constante processo de estranhamento com os espaços da grande cidade. As dificuldades e os preconceitos associados a esses públicos específicos afetam as possibilidades de apropriação e de inserção da juventude no espaço urbano, restringindo as oportunidades de lazer e de vivência participativa na cultura local.” (Stoppa, 2005, p. 37)

Ressalta ainda que é clara a precariedade das políticas de lazer para a população em geral, e mais especificamente, para a juventude. Citando Dayrell (s.d.), diz que a necessidade de ações voltadas para esse público deve ter atenção especial para a elaboração de políticas públicas que levem em consideração os diversos modos de ser dos jovens, suas capacidades de produção autônoma e suas diferentes formas de lazer.

No caso dos adultos, preocupados com família e principalmente com o trabalho, estes devem possuir um tempo longe de obrigações, para usufruir do lazer e buscar um prazer pessoal e em grupo, e ainda dedicar um tempo para as necessidades próprias.

Quando se trata de pessoas da terceira idade, se associa a um “viver em um paraíso de lazer”, o que não é verdade. Segundo dados estatísticos do IBGE, em vários países as populações estão envelhecendo, e o número de idosos (pessoas com 60 anos ou mais) está crescendo mais rápido que a taxa de natalidade. Mas dentre os idosos, ainda existe uma grande parcela trabalhadora, o que desmistifica a idéia de que essas pessoas só vivem para o lazer.

Em um retrocesso, no ano de 2006 os idosos que trabalhavam eram 5,9 milhões, cerca de 30%, sendo que entre eles, 3,6% já estavam aposentados, mas mesmo assim trabalhavam. Em 2007, os idosos brasileiros que continuavam trabalhando eram 22,5% (cerca de 3,1 milhões), sendo 74,7% deles aposentados. Mostrando a continuação do crescimento dessa população, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, disse que o número de idosos já superava 21 milhões em 2008. Em um período de 10 anos, entre 1998 e 2008, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais aumentou de 8,8% para 11,1%. No ano de 2009, 48,3% da população representavam idosos aposentados e ocupados. E segundo dados recentes do Censo Demográfico 2010, pode-se perceber o crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que passou de 4,8% em 1991, para 5,9% em 2000, chegando em 7,4% em 2010. O novo Censo ainda não revelou dados de trabalhadores por faixas etárias.

Esse indiscutível e acelerado envelhecimento do planeta já é conhecido pela grande maioria, muito embora ainda seja pouco o que se tem feito para se adequar a esta nova realidade que nos bate à porta. O envelhecimento da população brasileira é um fenômeno que necessita ser mais estudado, a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população que se encontra nessa faixa etária. (REZENDE, 2008)

O autor ainda afirma que as perdas decorrentes do processo de envelhecimento acarretam uma dificuldade maior em se administrar às respostas emocionais diante dos desafios que são impostos aos idosos.

“Somos seres fundamentalmente sociais. Nosso modo de pensar e agir depende mais de fatores externos do que das limitações que ocorrem face às adaptações impostas pelo processo de envelhecimento. (...) Como a nossa sociedade ainda é preconceituosa em relação aos idosos, estes, absorvem os estigmas que lhe são conferidos, tornando-se, mormente, o estereótipo sugerido”. (REZENDE, 2008, p.12)

Por esses motivos, entende-se que os idosos são os que menos participam de atividades de lazer, por possuírem um estereótipo que muitas vezes não lhes permite que realizem determinadas atividades julgadas não condizentes com sua idade. Além disso, há uma dificuldade por parte dos profissionais, de lidar com essa parcela da população, como afirma Rezende (2008):

“Para lidar competentemente com os idosos, é preciso vencer preconceitos relativos ao velho na nossa sociedade. Não é suficiente discursar sobre estes preconceitos na esperança de que, assim, as pessoas se livrarão deles, pois foram inculcados durante toda a vida na grande maioria dos jovens. Os profissionais do lazer têm que se despir dos tabus que condicionam os idosos nos guetos onde foram inseridos.” (Rezende, 2008, p.15)

Concordamos com a idéia de que o idoso pode e deve, se necessário, ressignificar emocionalmente seu lazer, revertendo algumas atitudes enraizadas, valores e comportamentos, deixando fluir sua espontaneidade, a alegria, o prazer de viver e o elemento lúdico que lhe é inerente. (REZENDE, 2008)

A sociedade também passa por alguns problemas no que se diz respeito à intervenção do estado, às chamadas Políticas Públicas, especificamente neste trabalho, as Políticas Públicas de lazer. O lazer está atrelado a um grande conjunto de direitos sociais, mas na lista de prioridade, se encontra em segundo plano. Afinal, de acordo com o próprio discurso presente na nossa sociedade, não há como se pensar em lazer quando outras necessidades não estão sanadas (REIS e STAREPRAVO, 2008).

Deparamos-nos então com outro problema: a dificuldade de acesso aos espaços de lazer, e a falta de espaços públicos. Segundo Reis e Starepravo (2008), o trabalhador exausto após um dia de trabalho, não tem tempo, dinheiro, e muitas vezes nem disposição para se deslocar de sua moradia periférica até os locais de lazer, geralmente concentrados nos centros das cidades. Nesse sentido, o autor cita Melo (2004), que aponta que os problemas referentes à acessibilidade aos equipamentos e espaços de lazer são evidentes, pois privilegiam as elites econômicas que vivem nas regiões mais nobres das cidades, onde estão concentrados a maioria desses equipamentos, além da comum privatização dos espaços públicos (como museus, parques e reservas).

Mas o lazer pode ser vivenciado em locais variados, específicos ou não. Existem locais que são considerados como Equipamentos (próprios) do Lazer: os teatros, os cinemas, os centros esportivos, as colônias de férias, as praças, as áreas de lazer públicas.

Também em casa pode-se usufruir do lazer, desde que ocorra o desenvolvimento, o descanso, e o divertimento preconizados por Dumazedier (2000).

As pessoas devem descobrir vivências que são prazerosas como ler, desenvolver atividades manuais, escrever, pintar, desenhar, cantar, dançar, receber amigos, assistir a filmes, documentários, praticar atividade física, cozinhar, entre tantas outras possibilidades, que são consideradas lazer desde que haja o prazer lúdico e seja uma prática descompromissada, sem tempo fixo para começar, terminar e que se desenvolva sem imposições, livremente.

Dentre os locais não-específicos, encontram-se os bares, as ruas, o ambiente doméstico, as praças públicas, as lanchonetes e as escolas. Não importando o lugar, uma atividade que visa à busca do prazer e da liberação de obrigações, de caráter desinteressado, pode vir a se constituir em lazer.

Consideram-se como características do lazer: escolha pessoal, gratuidade, liberação e busca pelo prazer. São atividades de livre escolha (desconsiderando talvez que todo e qualquer determinismo cultural tem influência nas opções dos indivíduos), de caráter gratuito e desinteressado, liberatório, livre de obrigações, e que buscam um prazer, um relaxamento, ainda que posterior.

De acordo com Dumazedier (2001), o lazer possui quatro propriedades: caráter liberatório, por resultar de uma livre escolha, porém liberatório de uma parte das obrigações, do trabalho ou escola, a partir do momento que se entende que para obter lazer existe a dependência das relações sociais, das obrigações interpessoais; caráter desinteressado, pois não está fundamentalmente submetido a nenhum fim lucrativo ou utilitário; caráter hedonístico, por marcar uma busca de um estado de satisfação pessoal, mesmo que o lazer ocorra em grupos, tomado por um fim em si; e caráter pessoal, pois todas as funções manifestadas no lazer respondem às necessidades de cada um.

O lazer possui diversas classificações, mas a mais aceita e utilizada neste trabalho é a que engloba seis tipos de interesses: físicos, manuais, intelectuais, artísticos, turísticos e sociais, melhor especificados abaixo de acordo com Marcellino (2000).

Os interesses físicos (ou interesses físicos esportivos) são aqueles que estão ligados a práticas esportivas, pesca, ginástica, e atividades em que prevalece o movimento do corpo, caminhadas, corridas, incluindo as modalidades esportivas.

Já os interesses manuais se relacionam com práticas de artesanato, desenho, pintura, esculturas, que são coisas que lidam com a capacidade de manipulação e transformação de objetos e materiais, ou da natureza, no caso da jardinagem ou no cuidado com animais, por exemplo.

No campo dos interesses intelectuais se inclui a leitura de livros, revistas, jornais, a participação em cursos, e busca informações que sejam objetivas, além do contato com o real e explicações racionais para os fatos. A ênfase é dada no conhecimento vivido, experimentado.

Trabalhando com o sentimento, a emoção e o lado do imaginário das pessoas, está o grupo dos interesses artísticos, com conteúdo que procura a busca do encantamento e da beleza, do sonho, do faz de conta, incluindo todo o tipo de manifestação artística.

Certamente são os interesses turísticos aqueles que mais despertam ansiedade nos indivíduos, buscam a mudança na rotina espacial e temporal, a saída do cotidiano, o conhecer novos lugares, costumes, pessoas, em viagens e passeios.

Os interesses sociais são aqueles que visam o encontro e o relacionamento de grupos de pessoas, o contato mais aprofundado e o convívio, o face-a-face, que pode ser vivido em bailes, bares e cafês, encontros casuais, conversas informais. A festa também faz parte dos interesses sociais do lazer, e pode ser de vários tipos e acontecer em lugares variados. Elas têm o poder de unir as pessoas para um objetivo comum, mobilizar a sociedade e entreter o público com características próprias e específicas de cada uma.

Este estudo tem foco em todos os interesses do lazer, pois nas festas, todos esses interesses podem se materializar, como os interesses físicos durante a preparação da festa, os interesses manuais na decoração, os intelectuais no planejamento da festa, de criatividade, os turísticos por ser uma mudança na rotina dos participantes, enfim. Mas, é factível que os interesses sociais e artísticos se mostrem de forma predominante, relacionados diretamente

com o tema, ao representarem o convívio social, as relações diretas com os demais envolvidos, e a busca da fantasia e criatividade no desenvolvimento da festa.

A realização de qualquer atividade de lazer envolve a satisfação de aspirações dos seus praticantes. E segundo Dumazedier (1994), a distinção entre o que se busca com a realização de cada tipo de atividade, é o que abre a possibilidade para a classificação dos seus conteúdos.

Para Marcellino (2000), o ideal seria que todas as pessoas praticassem atividades de todos os grupos de interesses, para assim exercitar, no seu tempo disponível, o seu corpo, a imaginação, o raciocínio, o relacionamento social, as habilidades manuais, o intercâmbio entre culturas e a quebra de sua rotina, da maneira como quisesse, quando e onde quisesse, para se desenvolver social e pessoalmente.

No entanto, o que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesses, ou por afinidade e escolha própria, ou por não possuírem conhecimento ou acesso a outros tipos de atividades, o que é falho nesse campo, a questão da orientação por parte dos profissionais e exposição de outros conteúdos e alternativas de lazer.

1.3. O Folclore e a Festa

Segundo Dumazedier (1994), as práticas festivas são cada vez mais frequentes no sistema das relações de multidão, de grupo, ou de casal, no interior do tempo de lazer. Hoje, as festas são mais fracionadas, voluntárias, menos ritualizadas. Para ele, o desenvolvimento das reuniões festivas acompanhou o aumento do tempo livre ao lado das festas rituais que, mesmo se mantendo, adquiriram novos caracteres de distração. Esta festividade generalizada corresponde a um dos valores sociais maiores que atraem e explicam a influência dos grupos e organizações que se multiplicaram com o aumento do tempo de lazer (DUMAZEDIER, 1994). As festas tracionais, religiosas e políticas, sofreram um declínio, dando lugar a outros tipos de reuniões e comemorações, mostrando a diminuição do poder dessas partes sobre a sociedade.

Para entender as diferentes práticas festivas existentes hoje, é preciso conhecer e compreender as diferenças nas festas da antiguidade. As festas eram produzidas por uma civilização rural dominada por valores coletivos e religiosos (DUMAZEDIER, 1994). Essas festas se davam em um tempo ritualizado, com datas fixas e simbólicas, que significavam acontecimentos naturais ou sociais. Havia festas da Igreja, dos poderosos para afirmação do poder, dos camponeses para distração. A moral buscava o que era puro e do espírito, já a festa era o símbolo do material e corporal.

Mas elas são mais que isso, e possibilitam vivências culturais, além de trocas de experiências e o surgimento de novas, quando se confrontam interesses e culturas e se abre a oportunidade de enriquecer o repertório das experiências pessoais. Seja qual for a festa, seu maior e principal objetivo é a diversão dos seus participantes. (ROSA, 2007)

O indivíduo, não tendo completo poder sobre a própria pessoa, deve estar integrado à comunidade, com um comportamento previamente escolhido. Mas a festa é um contexto social onde o indivíduo pode ter direitos de expressão, proibidos na vida cotidiana (DUMAZEDIER, 1994). Segundo o autor, é na festa que os indivíduos podem quebrar regras e cometer exageros na comida, na bebida, na luxúria. A sociedade só se torna permissiva em dias de festa ritual.

Na sociedade industrial e pós-industrial, a religiosidade não é mais obrigatória para toda a população. A sociedade se fracionou em instituições mais separadas, mais livres para regulamentar as normas de vida comum na sua perspectiva: instituições socioprofissionais, sociofamiliares, socioespirituais e sociopolíticas (DUMAZEDIER, 1994).

As festas de certa maneira continuam sendo impostas, porém com finalidades diferentes. O dia cheio de religiosidade do Natal passa a ser visto como uma reunião familiar, onde as crianças afirmam viver em uma sociedade consumista, ganhando os “presentes do Papai Noel”. Dumazedier (1994) dá uma definição durkheimiana de festa: A festa tem sempre um caráter misto: ao mesmo tempo cerimonial e divertido. E muitas outras festas vão surgindo, como o Dia das Mães, o 1º de Maio, além do grande aumento das festas de caráter privado ou familiar, como os aniversários, as comemorações dentro de uma empresa.

“Observa-se que, na sociedade industrial e urbana, as instituições de base da sociedade (instituições familiares, profissionais, socioespirituais ou sociopolíticas) misturam cada vez mais o divertimento coletivo e a cerimônia (ou o rito) para melhor desenvolver sua defesa contra o exterior ou sua solidariedade interior num mundo cada vez mais difícil de viver, para desenvolver uma ligação mais humana, direta, a instituições sempre mais tecnocratizadas, burocratizadas do que antigamente” (Dumazedier, 1994, p.55)

As festas cresceram muito também devido ao ritmo consumista do país, uma vez que rendiam lucros para as instituições realizadoras, ou também para o comércio e lojas, com a venda de produtos que simbolizavam muitas vezes essas datas.

Infelizmente, o espírito capitalista emergente na sociedade fez com que as festas tivessem um intuito diferente do que o que as fez surgir. O capitalista quer que as festas se façam com objetivos maiores e mais próximos de seus interesses: o lucro e o consumo (na maioria das vezes excessivos). As festas são criadas cada vez mais com intuito de arrecadação de dinheiro, completamente atreladas ao capitalismo, passando a ser consideradas como produtos, e não como um processo de construção do indivíduo. Elas perdem seu significado próprio e inicial, sendo vistas superficialmente, e deixando-se de lado a ludicidade, o prazer e o caráter desinteressado. Aumentam-se os objetos de consumo e diminui-se a gratuidade, e o caráter liberatório.

A sociedade da economia, do mercado, tende a padronizar a festa. Mas com o lazer, em seu sentido forte, um tipo de “revolução cultural” se opera e muda profundamente o equilíbrio entre a festa institucionalizada e a festa não-institucionalizada, entre os dias de festa e os demais dias do cotidiano (DUMAZEDIER, 1994). Mas a relação de equilíbrio entre cerimônia e divertimento se inverteu: o divertimento é hoje mais valorizado na opinião apesar das resistências de ordem religiosa, política, familiar, escolar ou profissional.

“Enfim, tornou-se possível uma expressão mais livre de si em festas de todos os tipos, não somente nos dias de festas rituais, mas durante todo o tempo de lazes e cotidianos semanais ou anuais, nos feriados ou nos dias úteis. O único limite está nos meios próprios a cada classe social ou no equilíbrio necessário ou escolhido entre os diferentes tempos sociais”. (Dumazedier, 1994, p. 58)

O termo festa pode ser visto de vários ângulos e possuir funções diversas. Uma reunião de grupo, a comemoração de algum acontecimento, a homenagem a algum santo, um jogo de futebol. É realizada por qualquer pessoa que, instigada pela curiosidade, pelo desejo de divertimento ou ainda pelo dinheiro que a festa reúne, se arrisca e coloca sua criatividade a prova. Não depende de um local específico para acontecer, e abre espaço para vivências culturais variadas, unindo pessoas, formando novos grupos.

As comemorações festivas são de vários tipos. Alguns tipos de festas são direcionados, e não atingem toda a parcela da população, por classe social, falta de recursos financeiros, mas isso não quer dizer que não seja um direito de todos, principalmente pela diversidade que ela inclui, e pela possibilidade de mudanças e transformações conforme a necessidade do público-alvo. Esse trecho de Maria Cristina Rosa mostra com clareza a multifuncionalidade da festa:

“Tradicional ou inventada, a festa exerce funções que mudam ou permanecem conforme as épocas, grupos e interesses, podendo ser compreendida como símbolo nacional, espaço de luta política e de reivindicação, tempo/espaço de consumo e produção, um modo de gerar rendas para uma comunidade/grupo, local de encontro das pessoas, forma de pedagogizar costumes, atrativo turístico, atividade de lazer, espetáculo, culto, ritual e uma maneira de escapar da vida cotidiana.” (Rosa, 2007, p. 196)

“Em sua dinâmica, muitas vezes influenciada pelo calendário, a festa inclui atividades como planejamento, programação, organização e estruturação, que proporcionam divertimento, prazer, trabalho, protesto, comemoração, devoção, euforia, transgressão, reinvenção, excesso, criatividade e alegria: elementos que não se apresentam isolados ou em oposição, mas em tensão permanente, por ser a festa um tempo/espço de ambigüidades. A diversidade pronuncia-se nos diversos tipos festivos, bem como nas manifestações e experiências que abarca, na coexistência e conflito de culturas que se confrontam.” (Rosa, 2007, p. 197)

Como se pode ver na citação acima, as festas são muito importantes para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, e também para interação com o meio e as outras pessoas.

Elas abrem para a vivência de um mundo de lazer quando incluem o lúdico, o divertimento, a gratuidade, o prazer, a ação crítica e criativa, a descoberta de valores, a mistura de culturas e costumes. Quando há a relação de um grupo de pessoas e exploração da interculturalidade (que já pode ser observada mesmo de região para região), a mente se abre para novas idéias, expõe as que já foram armazenadas, e cria novos focos de pensamento dentro do grupo que está se formando. Elas abrem espaço para a participação ativa dos envolvidos e representam uma forma privilegiada de lazer, criando um clima de descontração, além de oferecerem ao público elementos que o enriquecem à medida que faz vivenciar novas e diferentes culturas. (BUENO, 2008). Característica também importante das festas é que elas dão para os participantes e para a comunidade (seja no bairro, na cidade, na escola), oportunidade para que participem da preparação, se mobilizem e criem um interesse em demonstrar suas habilidades individuais, que podem ficar apagadas ou não receber a mesma importância no dia a dia.

“A festa é uma realidade social que requer abordagens e interpretações múltiplas e complementares” (BUENO, 2008). Nesse trecho, Bueno mostra a festa com sua característica da multifuncionalidade, e ressalta que ela deve ser tratada de vários ângulos, por várias visões, visto que assume um papel muito amplo e envolve uma grande variedade de culturas. Assim, devemos fugir da interpretação capitalista da modernidade, que vê o lucro acima do sentido.

As festas também podem estar atreladas ao turismo. Vários são os exemplos de festas culturais que atraem público para as cidades que as sediam, são verdadeiros atrativos turísticos. Cito como exemplo as festas de algumas regiões e cidades do nosso país: Festa de Parintins, Festa do Boi Bumbá, Festa da Alcachofra e Kaki Fuyu, Festa de São João, Festa do Peão de Barretos e assim por diante. As festas populares têm grande poder de revitalização

das cidades, e essas mais ainda possuem um caráter capitalista atrelado a elas. São festas folclóricas, religiosas, de tradição, que unem e atraem turistas e moradores da própria comunidade por sua comida típica, bebida, seus trajes, sua frondosidade, buscando diversão e prazer.

Segundo Magnani (1998), sob a influência dos meios de comunicação de massa há uma perda da autenticidade das pessoas, pois mesmo aquelas que tinham como referência as tradições culturais populares, são submetidas a padrões de comportamento homogêneos e massificantes. A indústria cultural é responsabilizada “pela dissolução das autênticas expressões da cultura popular” (MAGNANI, 1998, p.26)

“A grande maioria do tempo disponível é usufruído nos próprios locais de moradia, dentro das casas, o que propicia a formação de um ‘público cativo’ da televisão. É notadamente por meio desse veículo que os padrões dos grandes centros (...) vem sendo impostos a todo país, em virtude do surgimento das redes, alternativa econômica para a produção. Esse fato, aliado a outros, como o crescente processo de urbanização, vem contribuindo para o desaparecimento de manifestações culturais autênticas, nos vários gêneros, notadamente das festas, tanto lúdico-religiosas como lúdico folclóricas.” (MARCELLINO, 2010, p. 59)

É relevante então, que se analisem as crenças, festas, costumes, valores e formas de entretenimento da maneira em que acontecem hoje, “pois a cultura, mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado” (MAGNANI, 1998, p.26).

Segundo pesquisa de Silva e Campos, os Ciclos Festivos são momentos privilegiados de convivência e sociabilidade, bem como de elementos culturais e religiosos diversos. Esses momentos, vistos pela ótica da experiência educativa, são de grande relevância, pois as pessoas festejam e estão juntas umas com as outras.

“O folclore, encarado como realidade cultural, psico-cultural ou sócio-cultural, constitui objeto de investigação científica.” (FERNANDES, 1989, p.24). Ele estuda os fatos folclóricos, que são assim considerados “toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada.” (id, p.25). São caracterizados pela sua espontaneidade, pelo poder de motivação

sobre os componentes da coletividade, onde os membros exprimem e identificam modos seus, peculiares, de comportamento, de ideal. O folclore constitui uma realidade social.

“Não basta admitir, ao pé da letra, que o „folclore é uma realidade social“ para descrevê-lo como tal. Uma „festa“ ou uma „cerimônia“ possui várias dimensões e aspectos psicossociais e sócio-culturais. O psicólogo, o etnólogo ou o sociólogo precisam reter, no campo de observação, aqueles aspectos que interessam especificamente às suas disciplinas, sem prejuízo da reconstrução da „festa“ ou da „cerimônia“ como um todo.” (Fernandes, 1989, p. 28 e 29)

O folclore se propõe a determinar o conhecimento peculiar ao povo, através de elementos da sua cultura, sendo eles materiais ou não, presentes no modo de agir, pensar e sentir do povo, em fatos palpáveis como manipular metais e objetos, e fatos de natureza não material, como lendas e superstições, danças, costumes e provérbios. (FERNANDES, 1989) Trata, sobretudo, de analisar os elementos culturais usados por indivíduos de uma mesma configuração sócio-cultural, elementos esses materiais ou espirituais.

Fernandes (1989) afirma que o folclore possui um valor educativo. Pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida, amadurece para tornar-se adulto em seu meio social. A criança aprende a agir como um ser social, a cooperar e competir com seus iguais, valorizando regras sociais existentes em sua herança cultural.

Também nesse meio existe o educador, que tem interesse maior em saber o que a criança aprende, como a criança aprende, e ainda o que ela pode fazer com aquilo que aprendeu. Aí as influências do folclore são construtivas, pois amadurecem a capacidade de atuação social da criança. As crianças aprendem coisas na rua, amadurecem convivendo com os outros. Mas ver o folclore como técnica para educar requer alguns cuidados. Para Fernandes (1989), deve-se dar atenção às influências construtivas do folclore e aproveitá-las na educação sistemática, mas que o seja feito de forma criteriosa e separadamente do currículo.

PARTE 2. Necessidade de Educar para o Lazer e pelo Lazer em Aulas de Educação Física

Os temas lazer e educação são bastante confusos quanto ao entendimento de seus significados, uma vez que não há consenso entre os estudiosos a respeito dos seus conceitos (MARCELLINO, 2010).

Por ter essa ampla gama de significados, alguns estudiosos se arriscam a criar diferentes abordagens em torno do lazer. Ele pode ser visto com diferentes olhos. Pode ser marcado por ser algo com diversas funções (desenvolver, desintegrar, amadurecer, dependendo do „tipo de lazer“); pode também mostrar o lado da compensação – quando os autores se referem à oposição do trabalho com a realização individual – onde o lazer compensaria a insatisfação e a alienação do trabalho (MARCELLINO, 2010). O lazer também pode ser classificado como “utilitarista”, quando suas funções se voltam apenas para a recuperação da força de trabalho, e o lazer é considerado como um instrumento privilegiado da educação. Também há a abordagem “romântica” do lazer, onde a família é vista como o primeiro grupo responsável pela educação para o bom uso do lazer (Medeiros, p.169 apud Marcellino, 2010, p. 45).

Em contraposição com a visão dominadora do lazer, há a idéia de que é um fenômeno gerado historicamente e que emite muitos valores. “A admissão da importância do lazer na vida moderna significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural.” (MARCELLINO, 2010, p.36)

Diversos autores criticam a prática educativa vigente nas escolas, entre

“Intenções explicitamente proclamadas e a ação, à ênfase ao ensino essencialmente profissionalizante, à sua subordinação aos interesses do capital, que deriva numa concepção imediatista e utilitarista da cultura, às teorias „desenvolvimentistas“ centradas apenas no fator econômico e à sua redução à simples transmissão automática de conhecimentos do professor ao aluno.” (Marcellino, 2010, p.38 e 39)

O lazer dentro da escola possui diversos valores, e é visto pelos autores de formas distintas. Trata-se de um veículo privilegiado de educação, e de um objeto de educação. Tem um duplo aspecto educativo. (MARCELLINO, 2010)

Para o primeiro aspecto, o lazer como veículo de educação, é necessário

“[...] considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Tanto cumprindo objetivos consumatórios, como o relaxamento e o prazer propiciados pela prática ou contemplação, quanto objetivos instrumentais, no sentido de contribuir para a compreensão da realidade, as atividades de lazer favorecem, a par do desenvolvimento pessoal, também o desenvolvimento social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade ao nível pessoal, pelo incentivo ao auto-aperfeiçoamento, pelas oportunidades de contatos primários e de desenvolvimento de sentimentos de solidariedade” (Marcellino, 2010, p.51)

O lazer como veículo de educação muitas vezes é caracterizado como uma visão utilitarista, e a instrumentalização educacional só deve ser vista assim se os aspectos educativos do lazer permitirem que “as pessoas tenham mais prazer de viver, sejam menos pressionadas por uma estrutura socioeconômica sufocante, em que uma minoria tem excesso de recursos, de espaço e de tempo.” (MARCELLINO, 2010, p.54)

A educação pelo lazer também é vista como uma “educação permanente”, que buscaria o desenvolvimento cultural. Na visão compensatória do lazer, essa educação seria a “educação dos adultos”, sempre no tempo livre, baseada em uma idéia de que os adultos são espontâneos ao buscar aprender, que seria inverso ao sentimento da criança, que encontraria uma imposição. A educação permanente reforça a visão utilitarista/compensatória do lazer, pois teria suas atividades realizadas no tempo livre como compensador do tempo de trabalho. (MARCELLINO, 2010)

Também se relaciona a esse aspecto a educação da cultura de massas, pois os meios de comunicação são grandes influenciadores da educação atual, o que assusta, segundo autores, pois o consumo entra em confronto com a prática, e a produção cultural é muito maior que a criação cultural. (MARCELLINO, 2010) Mas não se pode esquecer que as atitudes de consumo ou de criação também partem dos indivíduos, e são importantes, porém de maneira controlada.

As atividades de lazer podem possuir alto potencial educativo. Marcellino (2010) cita Requiixa (1974), afirmando que considera que se pode educar tanto pela prática do lazer como também para o lazer, de forma que “o próprio exercício do lazer será melhor estímulo educativo para o próprio lazer”. A Educação pelo Lazer é consequência da Educação para o Lazer.

Para Marcellino (2010), é perceptível que a sociedade, tomando como base o fator econômico, possui variáveis (como sexo, idade, escolaridade) que inibem a prática do lazer. Mas isso não impede de considerar e acreditar em seu duplo aspecto educativo. Hoje em dia a indústria cultural possui muita influência sobre os indivíduos, gerando uma sensação de que as necessidades de cada um seguem padrões, aumentando assim o conformismo da situação, inclusive no consumo. É nesse sentido que se vê necessária a utilização de um “processo educativo de incentivo à imaginação criadora, ao espírito crítico, ou seja, uma educação para o lazer, que procure não criar necessidades, mas satisfazer necessidades individuais e sociais”. (MARCELLINO, 2010, p.53)

O lazer como objeto de educação, a educação para o lazer, consiste em um aprendizado para bom uso do tempo livre, incluindo a importância do lazer e o aprendizado como estímulo para diversificação das atividades praticadas. Vê-se novamente a idéia utilitarista do lazer, pois o tempo livre precisa ser transformado em um tempo de lazer construtivo. “É necessária a necessidade do trabalho, do lazer e da educação para formarem um todo harmônico” (Marcondes, p.23 apud Marcellino, 2010, p. 66)

Enquanto as diversões comercializadas e incentivadas na televisão são banalizadas, o esforço educacional procura estimular a participação efetiva das pessoas em atividades variadas de lazer. Marcellino (2010) cita Medeiros:

“Para conquistar mais participantes, planejam-se e se desenvolvem programas diversificados, capazes de atender às diferenças individuais. Assim, enquanto indústria e comércio de lazer fomentam o conformismo, (...) os educadores incentivam a imaginação criadora e a multiplicação de experiências em contextos variados. Enquanto aquelas geram necessidades de consumo, estas promovem o desenvolvimento de hábitos, habilidades e atitudes de participação ativa, vantajosas para o desenvolvimento pessoal e o aperfeiçoamento do grupo.” (p.47)

Há quem discorde dessa idealização do processo educativo e do lazer, pois sozinhos esses elementos não podem resolver todos os problemas do homem moderno, como passam a impressão. Para que se concretize a ação educativa para o uso do lazer, devem participar a família, os órgãos públicos e privados, a Igreja, e toda a comunidade em conjunto, e a Escola.

“Ao defender a educação para o lazer é necessário que se esteja consciente de seus riscos. É necessário observar que esses riscos ocorrem também no âmbito da instituição Escola, tal como funciona, aliás, não apenas no que diz respeito à educação para o lazer, mas à educação em geral. É necessário observar, ainda, que não se pode efetuar a separação entre educação para o lazer e a educação em geral.” (MARCELLINO, 2010, p.77)

A educação para o lazer, no campo da educação formal, escolar, é quase sempre restrita, tendo o esporte (interesses físicos) em evidência, e também, de outro lado, a literatura, música e desenho (interesses artísticos e intelectuais). Os outros interesses do lazer são pouco ou nada explorados nas disciplinas, que esbarram em fatores burocráticos, ideológicos e de competência, impedindo o trabalho com todos os interesses. (MARCELLINO, 2010). Para o autor,

“No âmbito da escola, e principalmente com relação às disciplinas mais diretamente ligadas aos conteúdos culturais do lazer, o que se verifica são atividades meramente consumatórias, sem qualquer vinculação com o processo educativo global e desvinculadas entre si. A forma como essa “transmissão de conhecimentos se processa” dá-se por meio de métodos mais dirigidos para o produto, para a perfeição do produto acabado, e não para o processo de produção, de criação”. (p. 106)

Os professores são responsáveis também por não abordarem assuntos relacionados ao lazer em suas aulas, devido à falta de formação, ou a outros fatores sociais, como muitas vezes acontece, a não liberdade em escolas privadas para atuar com os conteúdos que deseja. A sociedade global influencia o processo de educação do educador, educação essa não apenas nos cursos de formação, mas também durante o desempenho de suas atividades. (MARCELLINO, 2010) O professor precisa, muitas vezes, adaptar suas aulas e seus conteúdos à „clientela escolar“ que atende.

É evidente que a escola tem papel fundamental na transmissão de hábitos. Se forem lúdicos e festivos, a escola será assim também. Tais constatações podem ser encontradas também na afirmação de Ciarcella e Veríssimo, no estudo “Festas em Ambiente escolar: currículo oculto”:

“A escola, nesse meio, é uma instituição que recebe, produz e reproduz as mais diversas imagens através de suas práticas escolares que funcionam como manutenção dos valores culturais pré-determinados garantindo uma relação entre a reprodução dessas imagens e a formação do sujeito educando. Essa reprodução de imagens pela instituição escolar é garantida através das práticas escolares realizadas sob a manutenção das práticas de poder no cotidiano escolar que visam manter o processo de formação para que este não resulte em nada diferente do molde pré-estabelecido”

Todos os professores precisam agir de forma lúdica, sobretudo os de Educação Física. É preciso considerar, na formulação da prática educativa, as relações examinadas entre o lazer, a escola e o processo educativo, que estão unidos na “pedagogia da animação” (MARCELLINO, 2010).

“A animação engloba os sentidos de vida, de movimento e de alegria. Portanto, uma ,pedagogia da animação, assim encarada, estaria ligada à criação de ânimo, à provocação de estímulos e à cobrança da esperança.” (Marcellino, 2010, p.116)

E Marcellino (2010) conclui:

“O reconhecimento da interdependência entre os três elementos exigiria uma nova pedagogia, embaixadora de uma nova prática educativa e realimentada por meio dessa própria prática, considerando as possibilidades de lazer como canal possível de atuação no plano cultural, de modo integrado com a escola, no sentido de contribuir para a elevação do senso comum, numa perspectiva de transformação da realidade social. [...] Uma pedagogia que considere, ao mesmo tempo, a necessidade de trabalhar para a mudança do futuro, pela ação no presente, e a necessidade de vivenciar esse processo de mudança, sem abrir mão do prazer restrito de que se dispõe, mas, pelo contrário, que essa vivência seja, em si mesma, prazerosa.” (p.124)

PARTE 3. Um estudo sobre as Festas no ambiente escolar

Tendo em vista a tradição das festas na formação da identidade cultural de um grupo e o papel que a escola pode exercer na disseminação dessa cultura é que se desenvolveu este estudo do tipo qualitativo, que se considera como aquele que não depende fortemente de análise estatísticas para sua coleta de dados; as principais características são a imersão do pesquisador no contexto e a perspectiva interpretativa do andamento da pesquisa (MORESI, 2003). O tipo qualitativo de estudo gira em torno de fenômenos complexos, de natureza social. O contexto social e o cultural são importantes nessa pesquisa, que envolve análise e observação, e lida com informações mais subjetivas, amplas, e com riqueza de detalhes.

Também para dar conta de compreender a problemática em questão se optou pela realização de pesquisa de campo, pois, estas são pesquisas realizadas após a pesquisa bibliográfica, para o aprofundamento do conhecimento do pesquisador sobre o assunto. É uma forma de coleta que permite a obtenção de dados da maneira como ocorre na realidade.

A coleta dos depoimentos que contribuíram para a efetivação desse trabalho foi feita através de entrevistas semi-estruturadas, onde o pesquisador dirige as questões durante a entrevista para obter somente os dados que o interessam, para atingir seus objetivos (DUARTE, 2002). O pesquisador pode percorrer caminhos que levem os entrevistados a responder o que lhes interessa.

Foram realizadas entrevistas do tipo semi estruturadas com alunos e professores de duas escolas da cidade de Ibitinga-SP (uma da rede pública de ensino (Estadual) e uma da rede privada).

O roteiro foi desenvolvido em três partes, a partir do objetivo do estudo, sendo que a primeira era direcionada à verificação de dados pessoais do participante, a fim de caracterizá-los e de situar a pesquisa, e de dados da formação, no caso dos professores.

Na segunda parte se ateu ao tema lazer, com questões que levassem ao entendimento do grau de conhecimento dos alunos e professores sobre o lazer, e o que se aprende em sua vivência.

Na terceira parte, se buscou compreender o entendimento dos participantes com relação às festas, qual sua participação antes e durante a vida escolar, se as festas eram estudadas e vivenciadas na escola e na Educação Física e, também, se os participantes gostariam de ter esse tipo de vivência no ambiente escolar.

3.1. Tipo de pesquisa

O método de pesquisa qualitativa possui uma antiga e longa história dentro das disciplinas humanas, tendo seus primeiros indícios nas décadas de 1920 e 1930 na Sociologia e Antropologia, e em pouco tempo se estendendo a outras disciplinas das ciências sociais e comportamentais, como a Educação, que é nosso principal interesse nesse trabalho.

Segundo Denzin e Lincoln (2008), a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação, atravessando disciplinas e temas diversos (visto que a pesquisa envolve vários conceitos e histórias que diferem de um campo para outro).

Para definir a pesquisa qualitativa, deve-se levar em consideração todo o complexo histórico que está ao redor dela, mas pode-se partir da definição inicial:

“a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (Denzin e Lincoln, 2008, p.17)

Esse tipo de pesquisa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (DENZIN e LINCOLN, 2008). Então, os pesquisadores adeptos dessa área devem

trabalhar com uma grande variedade de práticas interpretativas interligadas, pois cada uma delas fornece uma visibilidade diferente do mundo.

Denzin e Lincoln, parafraseando Nelson e colaboradores (1992, p.4), colocam outra definição para os estudos culturais:

“A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com **a perspectiva naturalista** e a **compreensão interpretativa da experiência humana.**” (p. 21, grifo meu)

O método qualitativo é aquele que se direciona ao longo do desenvolvimento, não possui muitos instrumentos de medição estatística e trabalha com contato direto e interativo entre pesquisador e pesquisado; utiliza-se de um foco amplo de interesse e faz com que o pesquisador reflita a respeito do encontrado e só posteriormente interprete os fenômenos. (NEVES, 1996). Além do método qualitativo, que estuda e analisa processos e significados que não são medidos em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência, existe o método de estudos quantitativo, que faz o descrito acima, enfatizando o ato de medir e analisar as relações que encontram entre as variáveis, e não o processo propriamente dito. Os pesquisadores quantitativos, não levam em consideração a natureza socialmente construída da realidade, muito menos a direta relação do pesquisador e do que está sendo pesquisado, e ainda os limites e situações encontrados durante a investigação. Ele trabalha com dados certos, com uma programação prévia, seguindo a análise de hipóteses indicadas.

Denzin e Lincoln (2008) afirmam que a pesquisa qualitativa difere da pesquisa quantitativa em cinco aspectos significativos: os usos do positivismo e pós-positivismo, a aceitação das sensibilidades pós-modernas, a forma de captar o ponto de vista dos indivíduos, o exame das limitações do cotidiano e a garantia da riqueza das descrições. Cabe ressaltar aqui os três últimos aspectos. Para a captação do ponto de vista de cada indivíduo, que existe em ambos os tipos de pesquisa, a diferença está na aproximação com cada um, a partir do momento em que o pesquisador qualitativo está mais diretamente envolvido com o pesquisado, sentindo, interpretando e observando realmente os detalhes, enquanto o

pesquisador quantitativo estuda e trabalha com dados e métodos mais empíricos e remotos. Continuando essa idéia, existem as limitações que uma pesquisa pode encontrar durante o dia a dia, pois o pesquisador ativo qualitativo vê o mundo em ação e insere nele suas descobertas, direcionando sua atenção para as especificidades de cada caso abordado, enquanto o quantitativo não estuda o mundo diretamente, mas sim buscam éticas e dados baseados em estudos probabilísticos e aleatórios. Ainda, há a importância da descrição detalhada do fato estudado garantida pelo pesquisador qualitativo: quanto mais ricas e completas as descrições do mundo social, mais relevantes elas são, pois possuem maior compromisso ético, diferentemente da pesquisa quantitativa, que generaliza e descarta pequenos e, muitas vezes, importantíssimos detalhes.

E por fim, para Denzin e Lincoln, o modo de apresentação da pesquisa qualitativa e quantitativa:

“Os pesquisadores qualitativos empregam a prosa etnográfica, as narrativas históricas, os relatos em primeira pessoa, as imagens congeladas, as histórias da vida, os “fatos” transformados em ficção e os materiais biográficos e autobiográficos, entre outros. Os pesquisadores quantitativos utilizam os modelos matemáticos, as tabelas estatísticas e os gráficos, e geralmente empregam uma prosa impessoal, em terceira pessoa, ao escreverem sobre sua pesquisa.” (2008, p.25)

Segundo Santos e Candeloro (1996), no plano da pesquisa qualitativa, os instrumentos de coleta de dados mais usados são a entrevista semi estruturada, o estudo de caso e os grupos focais, enquanto no campo quantitativo, o mais adequado é o questionário, pois gera, com questões fechadas, respostas codificadas, tabulando e gerando dados geralmente relacionados à porcentagem/quantidade.

A técnica de pesquisa, no âmbito da metodologia, é um dispositivo auxiliar na investigação, em especial na de natureza empírica, ou seja, nas pesquisas em que o acadêmico precisa coletar dados de teor quantitativo e/ou qualitativo de uma amostra. (SANTOS e CANDELORO, 1996).

De acordo com as autoras, a coleta de dados deve se adequar ao tipo de pesquisa escolhido. Assim, uma entrevista com questões semi-estruturadas se presta de forma adequada

às pesquisas qualitativas, pois os entrevistados fornecem informações de caráter mais subjetivo ao acadêmico.

Por todas as considerações, neste trabalho o instrumento escolhido para a coleta de dados foi entrevista semi-estruturada, por ser um meio no qual o entrevistado fala sobre as questões de modo mais completo, e assim o entrevistador pode entender e analisar a ampla gama de respostas obtidas.

3.2. Amostra

Partindo de estudos e percebendo através de observações iniciais que as festas não acontecem dentro do ambiente escolar, e se acontecem, são pouco, comuns, e não tem muito significado sociocultural para o grupo, foi escolhido para o desenvolvimento desse trabalho a pesquisa do tipo qualitativa, através da pesquisa de campo, que se estruturou a partir de entrevistas semi-estruturadas com alunos e professores de duas escolas da cidade de Ibitinga-SP. As escolas foram selecionadas sendo que cada uma possuía peculiaridades quanto à sua vinculação. Uma escola da rede estadual de ensino, representando a rede pública, Escola A, e uma escola da rede privada de ensino, Escola B.

Para a escolha das escolas, alguns motivos foram levados em conta. O fato das escolas se localizarem na cidade natal da pesquisadora e por serem as duas escolas onde cursou seus anos escolares. A escola A durante todos os anos do Ensino Fundamental (I e II), e a escola B nos três anos do Ensino Médio. Ambas as escolas possuem Educação Física para o Ensino Fundamental II, foco dessa pesquisa, embora o colégio particular não ofereça essas aulas para o Ensino Médio. Na escola da rede estadual, foram entrevistados alunos que estudam no período da tarde, enquanto na escola privada, alunos do período da manhã (a escola não possui ensino Fundamental II no período vespertino).

Cabe expor que as aulas de Educação Física na escola da rede privada, acontecem em dias e horários separados para meninos e meninas, e no período contrário às aulas. Os alunos não são obrigados a irem às aulas, podendo fazer trabalhos para recuperar as notas.

Os alunos entrevistados estudavam no 6ª série (7º ano) do Ensino Fundamental. Essa faixa etária foi escolhida por entendermos ser uma idade na qual as crianças já tiveram certo tempo para vivenciar diversas experiências na escola, e por estarem em uma idade onde se interessam por vários temas, e ainda não entraram na adolescência, conservando traços da infância.

As crianças responderam a termos de consentimento, assim como seus responsáveis, e o professor. A pesquisadora elaborou o termo de consentimento (Anexo A) e pessoalmente expôs o projeto de pesquisa para os participantes (depois de ter sido aprovado pelas escolas), que cientes dos detalhes optaram por participar ou não.

A coleta de dados ocorreu com alunos, pela pesquisadora, em dias de aula fora do período da aula de Educação Física na Escola Privada, e durante a Educação Física na Escola Estadual. A coleta foi realizada na escola Estadual no período da tarde, e na escola Privada no período da manhã. A direção da escola autorizou a retirada dos alunos da sala de aula para realização da entrevista por um curto período de tempo. Os professores de Educação Física foram contatados fora do horário de suas aulas, no período oposto.

3.2.1. Sobre a Realização das Entrevistas e análise dos dados coletados

As entrevistas foram realizadas em duas escolas da cidade de Ibitinga-SP. Foram entrevistados 25 alunos da Escola A e 27 alunos da Escola B.

Seguem as perguntas feitas aos alunos:

SOBRE O SUJEITO
1. Sexo
2. Idade
3. Série/Ano
SOBRE O LAZER

4. O que você entende por lazer? (Você já ouviu falar alguma vez de lazer?)
5. Você acha que no lazer se aprende coisas boas?
SOBRE AS FESTAS
6. Você gosta de festas?
7. Quais festas populares você conhece/ você freqüentava com a família?
8. No seu bairro tem festas? Você freqüenta festas no seu bairro? Quais?
9. Na escola (nesta ou noutra que já estudou) tinha festas, tem festas? Quais?
10. Nas aulas de Educação Física você já estudou festas ou folclore?
11. Você gostaria de vivenciar na escola, as festas tradicionais locais, regionais e brasileiras?

QUADRO 1 – ROTEIRO ELABORADO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL CICLO II.

Foram entrevistados 52 alunos no total, entre 25 alunos na Escola A, sendo 60% meninas e 40% meninos, e 27 alunos na Escola B, sendo 45% meninas e 55% meninos. Os entrevistados tinham de 12 a 14 anos, entre 63,5% alunos com 12 anos e 32,5% com 13 anos. Apenas uma aluna possuía 14 anos. Todos os alunos estavam na 6ª série (7º ano) do Ensino Fundamental II.

Na escola Particular, os alunos responderam as perguntas em dupla, pois a professora de sala não liberou as crianças individualmente. Isso também influenciou um pouco nas respostas, pois algumas crianças esperavam o colega responder e muitas vezes apenas diziam “eu também”, ou “é isso”. Dois dos alunos entrevistados não responderam algumas das questões.

Na escola Estadual, os alunos foram entrevistados individualmente no começo, e depois em grupo. Respondiam sozinhos às questões, mas outros alunos ficavam do lado, esperando sua vez.

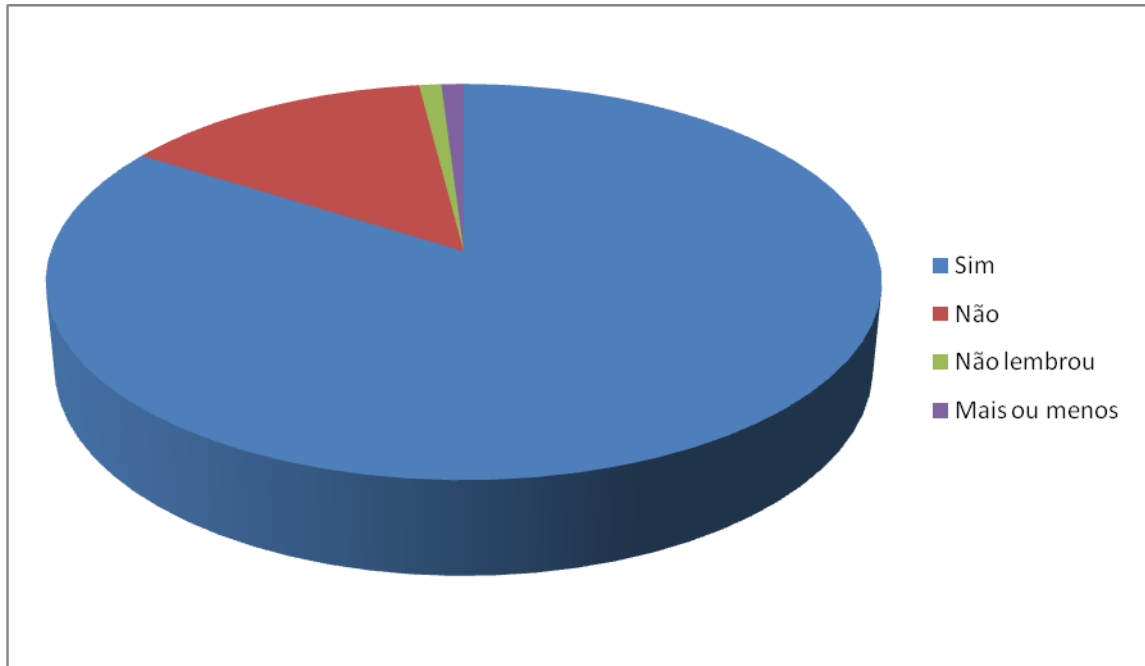


Gráfico 1: 84% das crianças já ouviram falar a respeito de lazer; 14% nunca ouviram falar; 1% disse não se lembrar do assunto; 1% disse lembrar mais ou menos.

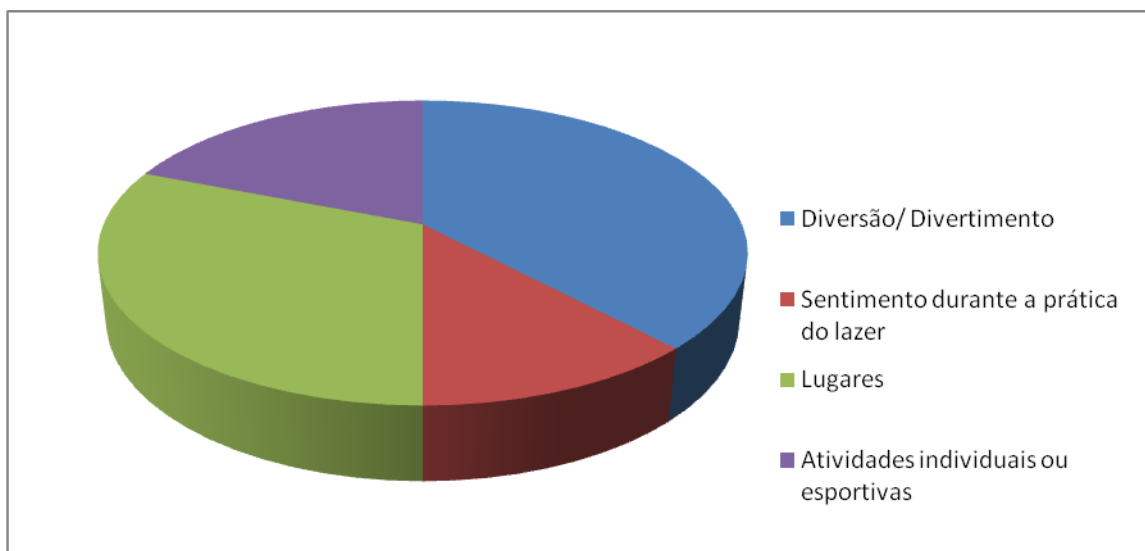


Gráfico 2: Ilustração da pergunta de número 4, „O que você entende por lazer?“

Das 42 crianças que arriscaram alguma resposta a respeito do conceito de lazer, 38% relacionaram com diversão/divertimento apenas. Poucas crianças (12%) citaram itens relacionados ao sentimento durante a “prática” de atividades de lazer, em respostas como „prazer“, „ficar bem com o que faz“, „fazer algo sem ser obrigado“, „fazer uma coisa porque

gosta“, „estar bem“, „passar o tempo“, „relaxar“. 31% relacionaram o lazer com lugares, tais como praias, clubes, a própria casa ou quintal, „lugar para sair de final de semana“, „lugar para relaxar“, para esquecer as coisas; e 19% dos alunos relacionaram o lazer com atividades individuais ou esportivas, como nadar, correr, andar de bicicleta, jogar futebol, brincar.

Tais dados podem ser elucidados por Marcellino (2010):

“A incorporação do termo „Lazer“ ao vocabulário comum é relativamente recente e marcada por diferenças acentuadas quando ao seu significado. O que se verifica, com maior frequência, é a simples associação com experiências individuais vivenciadas que, muitas vezes, implica na redução do conceito a visões parciais, restritas aos conteúdos de determinadas atividades. Essa tendência restritiva, que pode ser constatada na linguagem popular pela simples observação assistemática, é alimentada pelos meios de comunicação de massa, na veiculação da programação de atividades, que se dá separadamente, sob verbetes de setores culturais consagrados, via de regra ligados ao esporte e à arte, e só mais recentemente distinguindo o lazer, quase sempre associado a manifestações de massa, ao ar livre e de conteúdo recreativo.” (p.21)

Apenas dois alunos citaram a **feira** como lazer. Com relação ainda à primeira pergunta, seguem algumas respostas dadas pelos alunos da Escola A:

<i>Aluna 3 – “Lazer é divertimento, uma coisa que você faz assim, legal, tipo, uma feira.”</i>
<i>Aluna 9 – “Sim, ah lazer não é tipo, um lugar que a gente vai de final de semana, tipo, uma área de lazer onde a gente, tipo, uma área de lazer em casa que a gente usa pra brincar...”</i>
<i>Aluna 14 – “Já, lazer pra mim é quando você sai com a família, quando você vai em algum lugar, em feira, fazer coisa nova.”</i>
<i>Aluna 19 – “Ah... É uma coisa que você faz porque você gosta?”</i>

Quadro 2 – RESPOSTAS DOS ALUNOS DA ESCOLA A À PERGUNTA 4.

Algumas respostas que chamaram a atenção a respeito da mesma questão, da Escola B:

<i>Aluno 5 – “É coisa mais de se divertir, que te dê prazer.”</i>
<i>Aluna 11 – “Ah, é o que você faz quando você é... pra se divertir, é... uma coisa que você faz sem... sem ser obrigado fazer, por livre, por pura e espontânea vontade. Uma coisa boa.”</i>
<i>Aluno 21 – “Algum tipo, divertimento, algo, por exemplo, eu fico jogando futebol com meu irmão, o é um lazer; eu to me divertindo com os amigos... lazer! (risos)”</i>
<i>Aluno 25 – “Lazer é uma forma de diversão, que a pessoa encontra e faz nos horários vagos, pra passar</i>

o tempo.”

Quadro 3 – RESPOSTAS DOS ALUNOS DA ESCOLA B À PERGUNTA 4.

Os quatro alunos mencionados acima se destacaram nas respostas de todas as perguntas. Todos ouviram falar de lazer nas próprias casas, ou nas mídias. Nenhum deles citou a escola como fonte desse aprendizado.

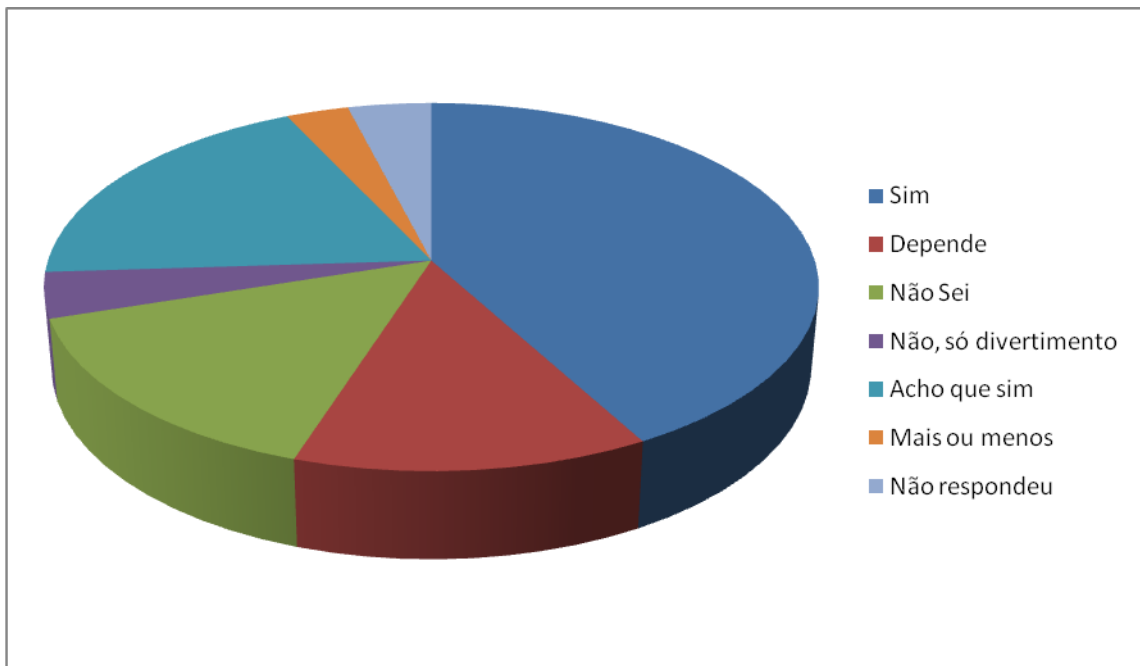


Gráfico 3: Ilustração da questão 5 – Você acha que no lazer se aprende ‚coisas boas?‘

A questão de número 5 reuniu respostas um tanto vagas. 42% foram os alunos que afirmaram que sim, mas não sabiam responder com precisão. Entre os outros entrevistados, houve grande dúvida, com respostas como: “acho que sim”, dada por 19% das crianças (todas da escola Estadual), “depende”, nas respostas de 13% das crianças das duas escolas, ou “não sei”, respondida por 15% dos alunos. Dois alunos responderam que lazer é “só divertimento”, como se vê no trecho de Marcellino (2010), que afirma:

“Esse caráter parcial e limitado que se observa quanto ao conteúdo também é verificado quando se procura detectar os valores associados ao lazer. Ao nível do senso comum os mais comumente relacionados são o divertimento e o descanso” (p. 21)

Como o pouco conhecimento de lazer que as crianças possuem não provém da escola, suas definições muito se encaixam no senso comum.

Em algumas respostas de ambas as escolas, os alunos estavam inseguros, como se nota em “às vezes, dependendo da brincadeira, acho que dá pra aprender algumas coisas sim”, ou “ué, não sei, deve aprender”. Um aluno da escola particular disse que no lazer se aprende a “fazer várzea”.

Dois alunos da Escola B, que já tiveram suas respostas citadas anteriormente, expuseram:

<i>Aluna 19 – “Aprende assim, acho que... convivência, movimento.”</i>
--

<i>Aluno 25 – “Pra mim é sempre um aprendizado, por que... Por exemplo, eu faço aula de karatê, é uma forma de lazer e eu to sempre aprendendo.”</i>
--

QUADRO 4 – RESPOSTAS DE ALUNOS DA ESCOLA A À PERGUNTA DE NÚMERO 5.

E um aluno da Escola A também citou a convivência em grupo como um aprendizado do lazer.

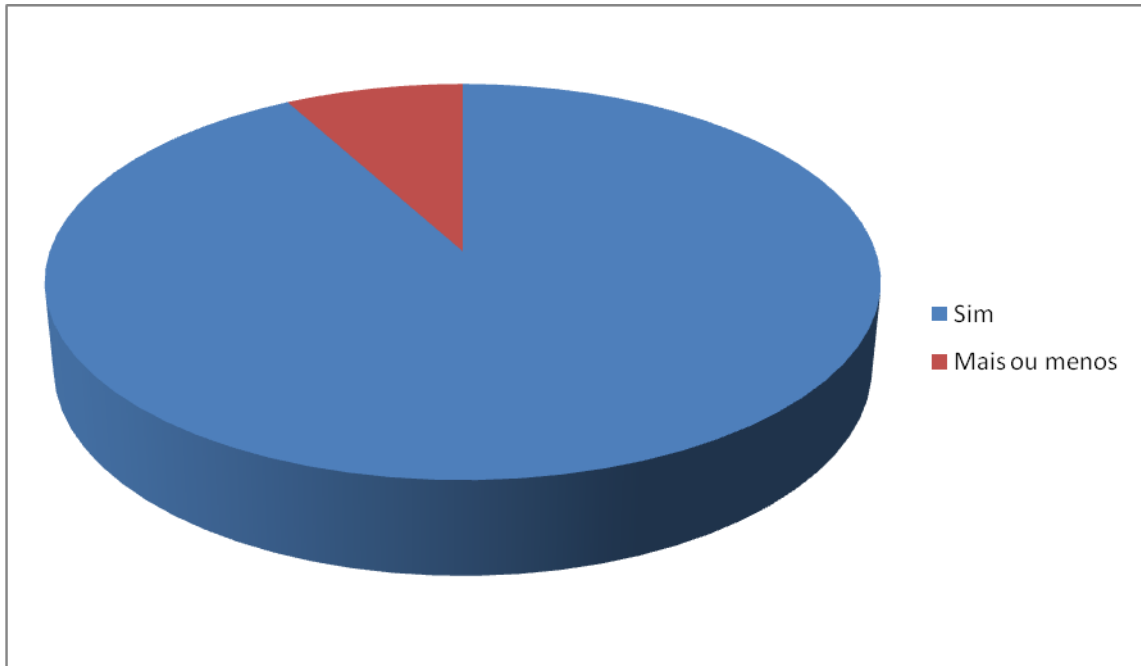


Gráfico 4: Questão para descobrir se os alunos gostavam de festas. 92% responderam que sim, e 8% responderam mais ou menos.

Dentre as respostas das pessoas que disseram gostar de festas, as mais citadas foram (os alunos podiam citar mais de uma festa): aniversários (22 vezes), eventos na cidade (5), festas „em casa“ (2), festas de final de ano (como Natal e Ano Novo) (13), festas de família (5), festa junina (4), halloween (1), viagens (1), churrascos (5), casamentos e festas de formatura (7), shows, rodeio, baladas (6), festas típicas (1), piscina (1). Dois alunos responderam que “ainda não saem muito”.

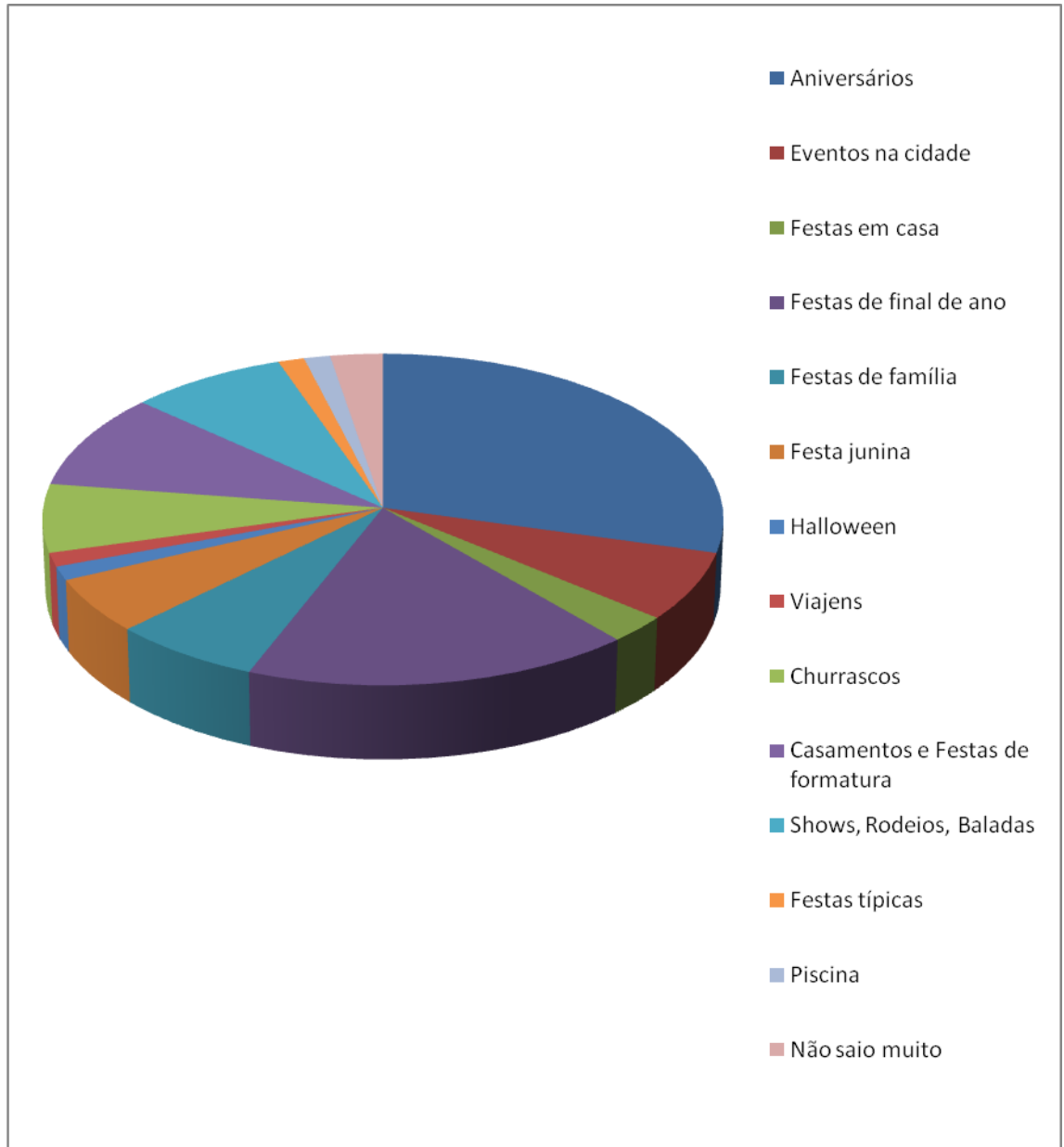


Gráfico 5: Quais as festas mais citadas pelos alunos (quantas vezes cada uma foi citada).

Entre as respostas da Escola B para a pergunta sobre festas: “Eu fazia festa em casa, aí eu chamava meus amigos, sempre tem festa em casa!”, “É, aniversário e de vez em quando assim tem festa que a gente faz na sala, churrasco, e tem festa de final de ano na minha casa.”

A pergunta de número oito buscava saber se as crianças tinham oportunidade de ir a festas em seus bairros. 12% dos alunos disseram não lembrar/não saber se essas festas ocorrem. 68% dos alunos moram em bairros que não organizam festas. 10 alunos da escola particular disseram ter festas em seus bairros, citando também “festas no condomínio de algum membro da família”, “festas da igreja”, “festas do bairro”. Na escola estadual, 3 alunos

citaram as “festas de final de ano”, um aluno respondeu “festa junina”, “comemorar dias de santos”, “festas que os vizinhos fazem”.

Quando da pergunta se na escola têm festas, nenhum aluno respondeu negativamente. Apenas 4 alunos da escola particular e 2 alunos da escola estadual acham que tem poucas festas na escola. Aos alunos que responderam afirmativamente a questão, foi perguntado que tipo de festa acontece na escola. As respostas foram quase sempre iguais.

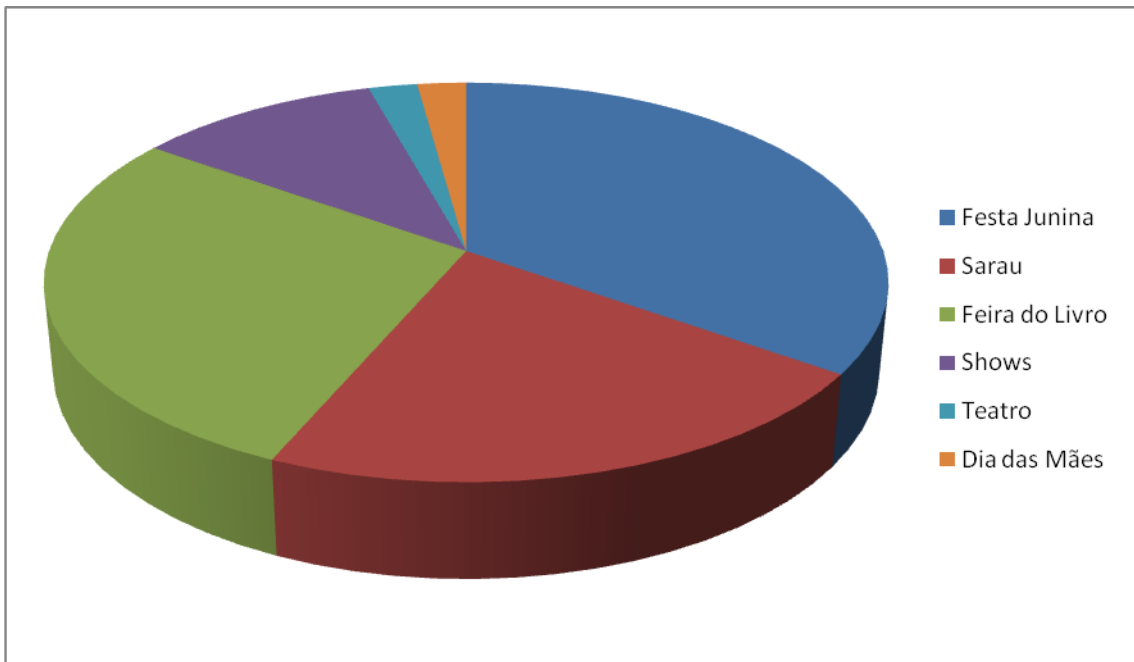


Gráfico 6: Quais festas acontecem na escola B – privada.

Na escola privada, 16 crianças citaram a Festa Junina, 10 falaram sobre o Sarau, 13 lembraram da Feira do Livro, 5 responderam Shows, uma criança citou teatro, uma dia das mães e outra festa de final de ano.

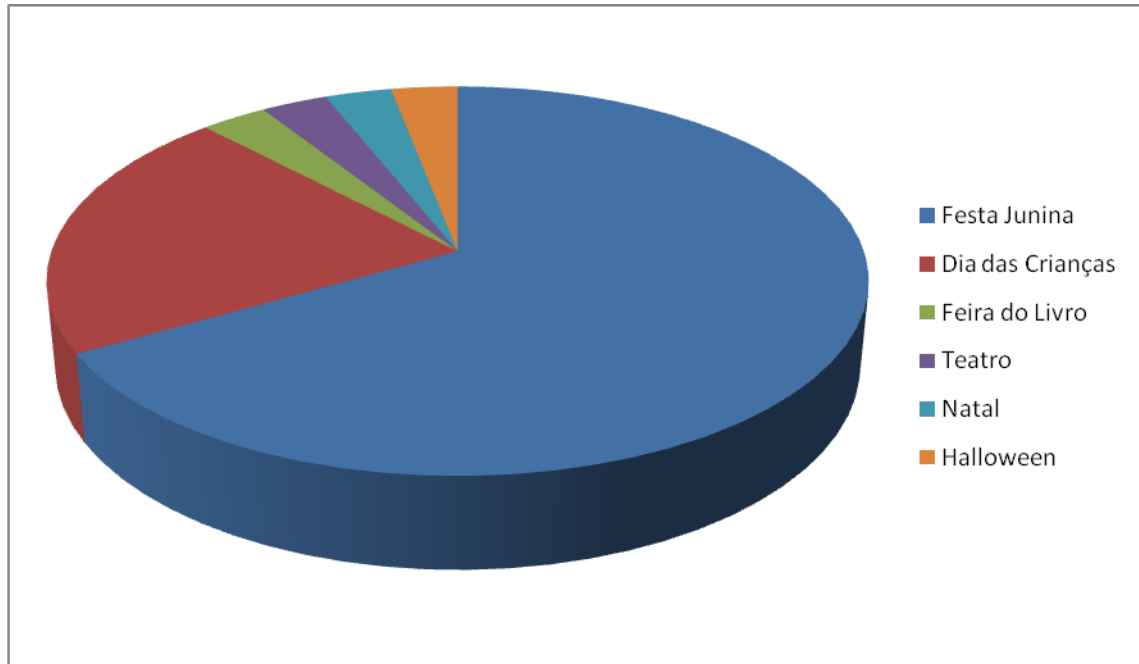


Gráfico 7: Quais festas acontecem na escola A – estadual.

Na escola estadual, 22 alunos disseram Festa Junina, 7 lembraram da comemoração do dia das crianças, um aluno citou Feira do Livro, ou Teatro, ou Natal ou Halloween.

As festas juninas apareceram nas respostas de mais de 50% das crianças, das duas escolas:

Aluna 11 – “De vez em quando sim, por exemplo, no começo do ano teve sarau, uma festa que reuniu pessoas, quem quisesse cantar cantava, ou fazia alguma coisa apresentada, depois teve feira do livro também, aí teve show também durante a noite. Festa Junina esse ano teve até o primário, até a quarta série, a gente podia ir, mas a gente não dançava. Se não fosse dançar não era obrigado a ir, sabe.”

Aluno 21 – “Tem, teve um sarau, como se fosse uma festa, teve festa junina, teve já festa do Dia das Mães, mas faz tempo, acho que foi em 2006 parece.”

QUADRO 5 – RESPOSTAS DE ALUNOS À QUESTÃO DE NÚMERO 9.

Um aluno da escola Estadual disse ter muitas festas na escola, “de vez em quando tem festa junina. Teve feira do livro, tem também teatro, mas não sei se é festa assim.” O aluno não sabia o que era festa. Festa para todos os alunos é quando tem show, música. Isso pode ser explicado com a exposição das respostas da próxima pergunta.

Um resultado alarmante seguiu a pergunta de número 10 – “Nas aulas de Educação Física se estudou festas ou folclore?” – onde 72% dos alunos da escola Estadual responderam que não, 16% disseram não lembrar e 12% disseram ter estudado “ano passado”; da escola Privada, 77% dos alunos também disseram nunca ter ouvido sobre o tema em Educação Física, 16% disseram não lembrar, e apenas 7% dos alunos disseram que sim. É um dado um tanto confuso, pois o número de respostas positivas não é significativo dentro do grupo, o que pode significar que o aluno confundiu a resposta.

Em algumas respostas de ambas as escolas percebe-se a estranheza dos alunos diante da possibilidade do estudo do folclore e das festas nas aulas de Educação Física, como “Educação Física? Não!”, ou “De Educação Física? Acho que nunca! Ele dá mais esporte, só isso”, “Não, acha, só na aula de artes a gente viu folclore”. Também no depoimento:

Aluno 5 – “Hum, em matérias assim que você falou a gente nunca teve, se você tá falando de escolar. Eu sei o que eu escuto em casa.”

QUADRO 6 – RESPOSTA DE ALUNO À PERGUNTA DE NÚMERO 10.

E para fechar, a entrevista buscava saber se os alunos tinham interesse que na escola acontecessem mais festas, e quais tipos de festas os interessariam. A pergunta do questionário semi-estruturado foi um pouco modificada no decorrer das entrevistas, pois os alunos se perdiam e não conseguiam responder quando citava festas tradicionais locais, regionais ou brasileiras. Nenhum deles sabia o que era uma “festa tradicional”, pelo pequeno entendimento do conceito.

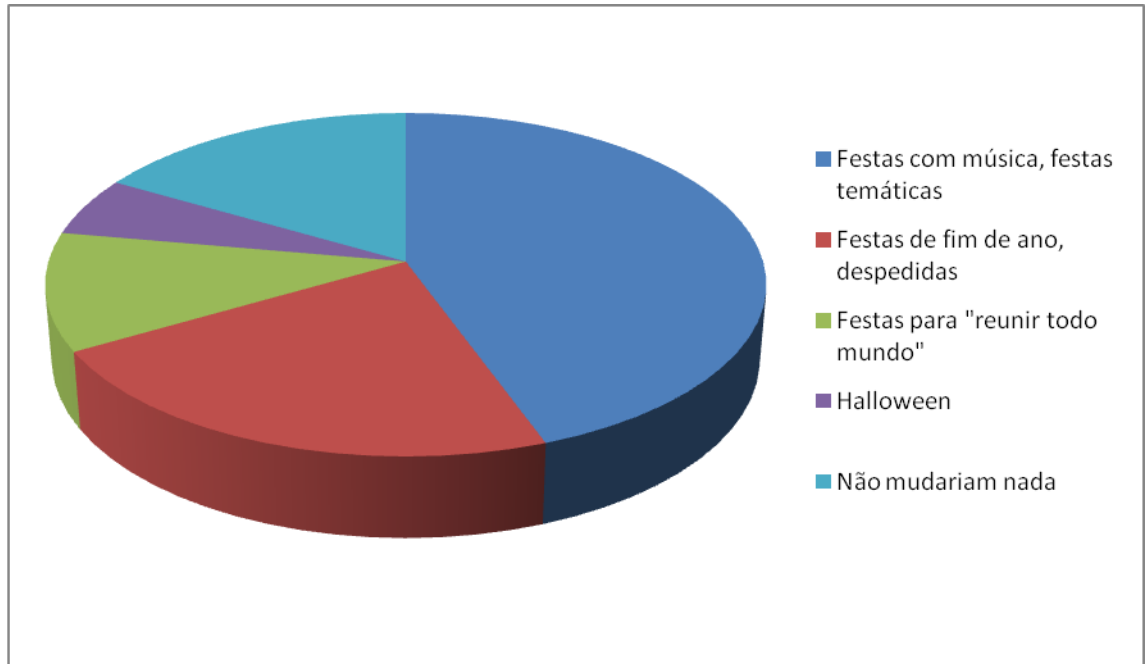


Gráfico 8: Questão que buscava descobrir se os alunos gostariam de mais festas na Escola B (número de vezes que as festas foram citadas).

Na escola Privada, 8 crianças gostariam que a escola fizesse mais festas com DJ, com música, “baladinhas”, festas temáticas; 4 alunos gostariam que acontecessem mais festas de fim de ano e de despedida das aulas, 2 alunos responderam “festas para reunir todo mundo”, uma criança citou o Halloween. Das crianças que responderam a entrevista, apenas 12% (três alunos) disseram que não mudariam nada em relação às festas da escola.

É interessante destacar a resposta do aluno 25: *“Eu acho importante ter mais festas, porque assim, as festas podiam deixar os alunos mais interessados na escola e até nas aulas. Qualquer tipo de festa. Poderia ter, assim, também até algum aprendizado no meio disso tudo, por exemplo, um cálculo. Por exemplo, usar matemática pra saber o quanto vai usar de refrigerante na festa, ou alguma coisa assim...”*

Um dos alunos lembrou e falou sobre uma festa que a escola organizava, quando estudava no outro prédio. Para esclarecer, a escola possui três prédios, um de ensino infantil, um de fundamental e outro para o Ensino Médio. Muitas crianças que estudam nesse colégio entram para o corpo discente ainda bebês, ou com poucos anos, e se mantêm até o Ensino Médio. A resposta: “Sim, acho que festa mais baladinha, festa mais animada pra gente, tinha

halloween quando era lá embaixo, depois não teve mais. Quando disse “lá embaixo”, o aluno se referia ao prédio onde teve aulas no Ensino Infantil.

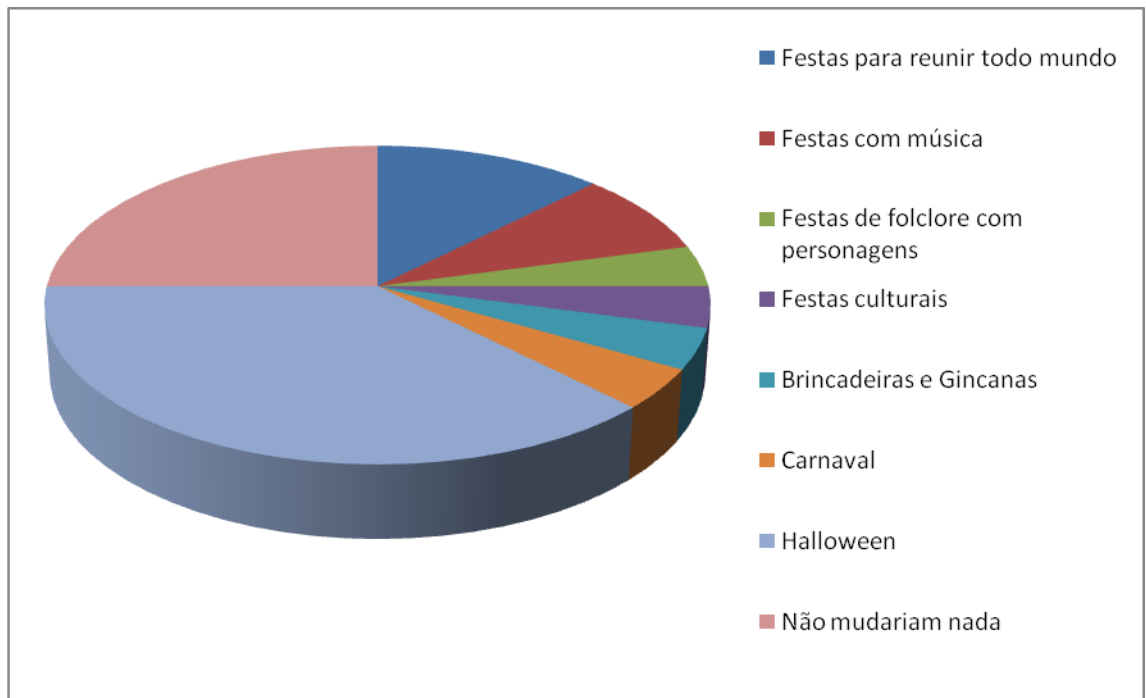


Gráfico 9: Questão que buscava descobrir se os alunos gostariam de mais festas na Escola A. (número de vezes que as festas foram citadas).

Na escola Estadual, 3 alunos disseram que gostariam de “festas para reunir todo mundo” ou “festas com os amigos”, 2 alunos gostariam de festas com música, um aluno citou “festas de folclore com personagens”, um falou de “festas culturais”, outro de brincadeiras e gincanas, e também carnaval. Nessa escola, 24% (6 alunos) responderam que não gostariam que tivesse mais festas na escola, que “assim está bom”, como visto na resposta “Ah, de festa assim se sempre tem às vezes não é tão bom assim né. Mas do jeito que eles dão as festas, tá bom assim, vou te falar que se eu pudesse mudar não mudaria muita coisa não.”

Dos 25 alunos, 36% citaram que gostariam de festas de Halloween na escola, o que pode ter sido relacionado à ligação do mês de aplicação das entrevistas com o mês da festa de Halloween. As crianças ouviram muito falar sobre a festa em aulas de artes e inglês, e gostariam de vivenciar na escola.

Também foram feitas questões aos professores de sala dessas duas turmas de 6ª. Série (7º ano). O roteiro semi estruturado para os professores foi semelhante ao dos alunos, com as perguntas:

SOBRE O SUJEITO:
1. Sexo
2. Idade
3. Série
Formação:
- Em que você é formado?
- Tem pós-graduação?
- Há quanto tempo você atua na escola?
- Escola pública ou privada?
SOBRE O LAZER –
5. O que você entende por lazer?
6. Você acha que no lazer se aprende „coisas boas“?
SOBRE AS FESTAS –
7. Você gosta de festas?
8. Quais festas populares você conhece/ que você freqüentava com a família?
9. Você freqüenta festas no seu bairro? Quais?
10. Aqui na escola (ou outra que já estudou) tinha festas? Quais?
11. Nas aulas de Educação Física se estudou festas ou folclore?
12. Você gostaria de vivenciar na escola as festas tradicionais locais, regionais e brasileiras?

QUADRO 7 – ROTEIRO ELABORADO PARA PROFESSORES.

O professor da escola Privada tem 47 anos, e dá aula para todas as turmas do Ensino Fundamental. Formado em Licenciatura em Educação Física, tem pós-graduação em Natação, Prática de Atletismo e Administração Escolar (no horário oposto de suas aulas o professor exerce cargo administrativo na escola). Atua na escola há 23 anos, tendo começado na escola pública e posteriormente vindo a dar aula na escola privada.

Quando foi indagado a respeito do que seria lazer, o professor afirmou ser “tudo aquilo que você faz que te dá prazer, independente do lugar, ou do que seja essa atividade”.

Quanto ao aprendizado advindo do lazer, o professor respondeu: “Depende. Se o lazer for direcionado, se a atividade for... quer dizer, às vezes se não é organizada também dá pra aprender alguma coisa. Mas se o lazer for direcionado, aí sim pode ser que se aprenda alguma coisa boa.”

Na parte a respeito de festas, respondeu positivamente quanto ao „gostar“, citando algumas que comparecia com a família, como festas tradicionais, festas de fim de ano, festa junina, bailes, festas da escola.

Ao perguntar sobre as festas no bairro: “Bom, na minha época tinham festas no bairro, hoje em dia não sei se a gente pode falar mais isso.”

Quanto às festas na escola, a resposta foi semelhante às respostas dos alunos, aparecendo a Festa Junina, o Sarau e algum show.

“Não, nunca estudei nas aulas de Educação Física isso. Pelo menos não lembro dessa matéria do tempo da escola. Nem da faculdade.”, foi a resposta da pergunta 11, que procurava saber se ele havia estudado festas ou folclore nas aulas de Educação Física.

E por último, o professor disse achar interessante que tivesse mais festas na escola, pois seria importante para as crianças. “Talvez tivesse mais comemorações, porque os alunos se divertem, eles gostam bastante”.

Com relação ao professor da escola estadual, o mesmo possuía 30 anos, e também ministrava aulas para todas as salas do ensino fundamental (ciclo I) na escola mencionada. Licenciado e Bacharel em Educação Física, fez pós-graduação na área “da musculação”, como mencionou, atua na escola há três anos e também trabalha em uma academia. A escola B foi a única em que atuou por enquanto.

A respeito do lazer, o professor disse entender que o lazer “são atividades que as pessoas procuram pra fazer quando não tem nenhum compromisso, tipo sair, jogar, ver um

filme, encontrar os amigos, ir pra academia (risos)...”. “Acho que o lazer proporciona um estado de alegria muito bom, e tem aprendizado no meio disso tudo também, pois nada que você faz é vazio né... por trás de qualquer tipo de ação pode ter um aprendizado, em várias áreas.”

Ao começar a segunda parte da entrevista, o professor achou o assunto interessante e engraçado: “Se eu gosto de festas? Alguém pode não gostar? (risos)”. Disse que sempre foi „festeiro” e sua família também, sempre indo a casamentos, aniversários, festas de final de ano. Morava em um bairro simples, que sempre realizava festas juninas, com todos os moradores participando, amigo-secreto no final do ano, com comes e bebes, festas da igreja próxima.

A questão de número 10 também teve resposta semelhante à do outro professor e dos alunos da sua escola: “Ah, festa assim aqui na escola, sempre a festa junina...”.

Com formação mais recente, se esperava uma resposta um tanto mais completa na questão de número 10. O entrevistado disse ter estudado folclore na escola, mas não nas aulas de Educação Física, onde só aprendia os esportes, e não todos, mas nunca ouviu falar em festas como objeto de estudo. Quando a pesquisadora explicou novamente o motivo de seu trabalho, o professor completou “Olha, acho interessante o tema, deve ser legal estudar festas, mas não sabia que se estudava isso não... nunca pensei por esse lado!”.

“Ah, lógico que sim né, já disse que sou festeiro (risos). Acho que dá pra achar mais espaço durante as aulas das crianças pra fazer algumas outras festas, mas não sei de que tipo seriam...”, foi a última resposta do questionário do professor da escola B.

Verificou-se que os professores não possuíam domínio no conhecimento do lazer, festas ou folclore, e nada tiveram em sua formação que se relacionasse a esses conteúdos, fazendo assim com que também não os trabalhassem com seus alunos. Para Marcellino (2010), a competência técnica dos professores encarregados do ensino de disciplinas mais ligadas ao lazer e a conteúdos culturais é falha, “são verificadas grandes disparidades entre os objetivos proclamados para estas “matérias” e o que ocorre na própria formação dos professores, no sentido de fornecer o instrumento para atingi-los; ou seja, falta-lhes o instrumental” (p.107).

CONCLUSÃO

Tendo em vista o objetivo do estudo que foi o de pesquisar se as festas aconteciam dentro do ambiente escolar, e se os professores e alunos sabiam qual seu significado e importância para o desenvolvimento individual e em grupo, além de entender, a respeito do tema, qual seu espaço na escola, sobretudo dentro e durante das aulas de Educação Física, se concluiu que não há festas culturais, regionais ou brasileiras na escola. Como Ciardella e Veríssimo afirmam em seu trabalho “Festas em Ambiente escolar: currículo oculto”, “as festas escolares estão presentes na maioria das instituições sem que esteja igualmente presente a reflexão sobre seu sentido pedagógico e sobre sua importância enquanto transmissora de valores comportamentais e culturais.” Ainda nos deixam questões importantes a serem pensadas, como: “Por que as festas assumem um espaço tão importante nas escolas? Quais funções são a elas atribuídas? Quais imagens produzem e transmitem? Que possibilidades educativas podem oferecer? Essa não reflexão faz da celebração festiva um evento, aparentemente, sem objetivo específico”.

Após a coleta de dados, concluiu-se que também é falha na escola a conceituação e mesmo a vivência do lazer. As crianças não sabem o que significa lazer, tampouco qual sua importância para a vida. Também afirmam não aprender sobre lazer nas aulas de Educação Física e em nenhuma outra, trazendo o pouco conhecimento de casa e das mídias.

A respeito dos professores, também concluímos que os mesmos não possuem conhecimento de lazer, e não passam aos seus alunos nas aulas, e que eles veem as festas como simples comemorações sem significado algum, o que se pode observar pela estranheza demonstrada a frente do questionamento a respeito do estudo das festas e folclore nas aulas de Educação Física.

Devido aos resultados encontrados durante a pesquisa, pode-se afirmar e concluir, então, que as festas são importantes para o desenvolvimento dos alunos, mas precisam ser melhor exploradas, visto que possuem uma infinidade de funções dentro e fora do contexto escolar.

As festas escolares não são apenas momentos de descontração. Devem ser encaradas como oportunidades de aprendizagem sócio-cultural, e como um meio de produção de

subjetividades. Durante as festas pode-se abusar das imagens que participam da formação do sujeito, pois todos são envolvidos pelo processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BUENO, M. S. Lazer, Festa e Festejar. **CULTUR – Revista de Cultura E Turismo**. CULTUR, ano 02, n. 02 - jul/2008. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao3/artigo3.pdf>> Acesso em: 08 jun. 2009.

BRASIL, Leis e Decretos. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, L. O. de L. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. **O que é lazer?**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. 2ª Ed. Artmed e Bookmanm, 2008.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. In: Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/n115/a05n115.pdf>> Acesso em: 25 set.2011.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

_____. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Sociologia Empírica do lazer**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 2001.

FERNANDES, F. **O Folclore em Questão**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

FREITAS, G. G. de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

HEROLD JUNIOR, C. **A educação física na história do pensamento educacional: apontamentos**. Guarapuava: UNICENTRO, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE**: população brasileira envelhece em ritmo acelerado. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272> Acesso em: 19 set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774> Acesso em: 19 set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <http://ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=987&id_pagina=1> Acesso em 19 set. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina> Acesso em: 19 set. 2011.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer:** Uma introdução. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Lazer e educação.** 15. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa.** Universidade Católica de Brasília - UCB Brasília, DF: março 2003.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa** – características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v.1, n.3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>> Acesso em: 13 mai.2009.

REIS, L. J. de A.; STAREPRAVO, F. A. **Políticas Públicas para o Lazer:** Pontos de vista de alguns teóricos do lazer no Brasil. In: Licere, Belo Horizonte, v.11, n.2, ago./2008. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N02_a5.pdf> Acessado em 15/10/2011

REZENDE, R. de. **Afeto, Velhice e Lazer.** In: Revista Licere, Belo Horizonte, v.11, n.3 dez./2008. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N03_a7.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

ROSA, M. C. **As festas e o lazer.** In: MARCELLINO, N. C. Lazer e Cultura. Alínea: Campinas, SP, 2007.

SANTOS, V. dos.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos:** uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre, RS: Editora AGE, 1996.

SILVA, M. E. da; CAMPOS, R. B. C. **Ciclos festivos na escola pública e pluralismo religioso:** conflitos e interações – um ensaio por uma abordagem teórico metodológica do estudo da festa no espaço escolar, in: **Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade** / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v. 1, n. 1 (jan./jun., 1992) - Salvador: UNEB, 1992.

SOARES, C. L. **Educação Física:** raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

STOPPA, E. A. **“Tá ligado mano”**: o hip-hop como lazer e busca da cidadania. Campinas, SP: [s.n], 2005. Tese de doutorado. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/teses/Stoppa.pdf> Acesso em: 18 out. 2011.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Barueri, SP. Ed. Manole, 2001.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento para os Discentes

Eu, _____ portador do RG nº _____ aceito participar da Pesquisa sobre a “As festas no ambiente escolar e sua relação com as aulas de Educação Física”, a qual está sendo desenvolvida pela aluna Laura Ferrari Fernandes, orientada pela professora Luciene Ferreira da Silva do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da UNESP - Bauru. A pesquisa visa investigar como acontecem as festas na escola, o efeito das mesmas sobre as crianças, e os principais envolvidos quando da sua realização.

Dentre os compromissos assumidos estou ciente de responder a uma entrevista com questões relacionadas ao tema acima e críticas ou sugestões à respectiva instituição de ensino quanto à organização e realização das festas.

O participante poderá deixar a pesquisa se assim desejar ou for necessário.

Nome:

Ibitinga, _____ de _____ de 20__.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento para os Pais e responsáveis

Eu, _____ portador do RG nº _____
 _____ autorizo o aluno
 _____, portador do RG
 _____ a participar da Pesquisa sobre a “As festas no ambiente escolar e sua relação com as aulas de Educação Física”, a qual está sendo desenvolvida pela aluna Laura Ferrari Fernandes, orientada pela professora Luciene Ferreira da Silva do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da UNESP - Bauru. A pesquisa visa investigar como acontecem as festas na escola, o efeito das mesmas sobre as crianças, e os principais envolvidos quando da sua realização.

Dentre os compromissos assumidos estou ciente que ele deverá responder a uma entrevista com questões relacionadas ao tema acima e críticas ou sugestões à respectiva instituição de ensino quanto à organização e realização das festas.

O participante poderá deixar a pesquisa se assim desejar ou for necessário.

 Nome:

Ibitinga, _____ de _____ de 20 ____.

Laura Ferrari Fernandes

Prof.^a Dr.^a Luciene Ferreira da Silva
ORIENTADORA